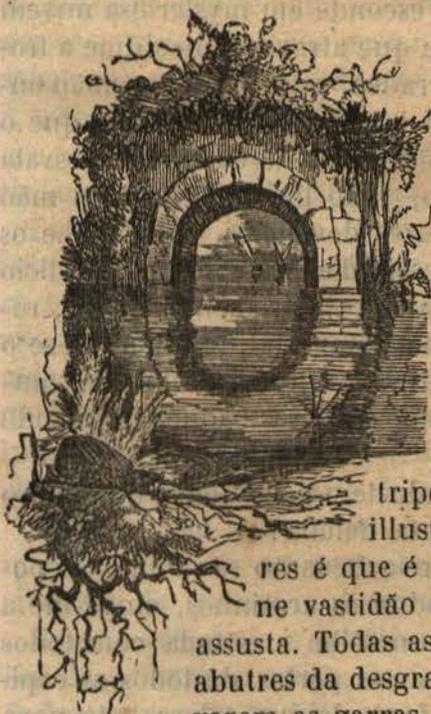


Alyperdemandus.

Est d'Acad. Real. d. d. de L.

A. P. LOPES DE MENDONÇA

I



dos os Prometheus.

s grandes da intelligencia são
tambem muitas vezes os gran-
des do infortunio. Quem diz
realeza diz martyrio, quem diz
diadema subentende espinhos.
Que distancia vai da purpura
ao sudario, de Genezareth ao
Golgotha, de Austerlitz a San-
ta Helena? O raio salteia as
eminencias e abraza os cedros
gigantes. A onda espadana fu-
riosa nos alterosos rochedos.

A pythonisa feroz, de pé no
tripode sagrado, pedia só victimas
illustres. Na immensidade dos ma-
res é que é medonha a procella, na solem-
ne vastidão do deserto é que o vendaval
assusta. Todas as superioridades se expiam, e os
abutres da desgraça estão promptos sempre a cra-
varem as garras nos membros palpitantes de to-

· Terrível dom o do genio, funesto fulgor o da intelligencia ! O manto esplendido, que deslumbra as multidões, é para esses semi-deuses a tunica de Nessus ! Felizes ao menos, se como o Alcides da mythologia, podessem subir á pyra fatal, furtando-se ás dôres da terra, e despregando o vôo para as serenas regiões da eternidade ! Não podem, e passam no mundo, tremendos exemplos da omnipotencia de Deus, que, no cerebro humano, lampada vulgar, accende a seu bel-prazer a chamma fulgida do genio, e a apaga depois com um sopro, deixando reinar as trevas onde esplendia a luz, transfigurando no esty-gma do idiotismo a auréola da intelligencia, que circumdava as fronteas sublimes dos grandes homens.

A justiça divina, nos seus insondaveis mysterios, dá muitas vezes ao mundo estas grandes lições, para que os favores, que lhe concede a sua mão liberal, não encham a humanidade de um temerario orgulho.

Ergue do nada Bonaparte, eleva-o ao fastigio da grandeza, curva a seus pés a Europa, acorrenta a victoria ás azas das suas aguias triumphantes, resguarda-o nos pantanos d'Arcola da chuva de metralha que podia rasgar as paginas ainda brancas, onde tinha de se inscrever a gloriosa epopéa do primeiro imperio, manda aos seus anjos que purifiquem em torno d'elle o ambiente pestifero de Jaffa, esconde em mysteriosa nuvem a fragata que o leva á Europa, e que atravessa incolume a frota ingleza que inunda o Mediterraneo, guia-o por sua mão entre as neves do S. Bernardo ; no broquel invisivel, com que o antepara, estalam inoffensivas as bombas de Cadoudal, resvala o punhal do estudante austriaco, tudo lhe concede com mão prodiga, realisa-lhe os mais audazes devaneios, satisfaz-lhe os caprichos mais loucos, depois desvia d'elle a vista, e o edificio colossal da sua prosperidade desaba com tremendo fragor, rola-lhe por terra desfeito o diadema imperial, desmorona-se o throno do novo Carlos Magno, e os solios que viviam á sua sombra desconjuntam-se tambem, como as heras baqueiã quando o raio fulmina o roble.

A aguia, que avassallára o mundo tem por unico e derradeiro refugio o ninho de fragas de Santa Helena !

A este o quasi omnipotente, fere-o Deus no seu immenso poderio. Lança-lhe aos hombros todos os arminhos, cinge-lhe a fronte com todos os diademas, junca-lhe a estrada com todos os laureis, abre-lhe de par em par as portas de todos os capitols, e abrasa depois com o fogo da sua colera esta nova Babel de prosperidades que ia já quasi a topetar com os céus,

e pérolas de diademas, grinaldas de victoria, arcos de triumphos, tudo se desfaz em fumo, symbolo tremendo do nada das humanas glorias!

Será mais feliz a opulencia, e se as summidades do poder chamam a procella, ficarão sempre de pé os montes d'ouro, onde campeiam, invejados por todos, os ricos dos bens do mundo? A mão que abençoá as colheitas de Job tambem lhe mostra quanto é impotente a humanidade, quando o Senhor Deus deixa de velar por ella. Se o poderoso baqueia do solio no exilio, o opulento póde n'um instante descer das salas faustosas do seu palacio oriental ao immundo esterquilinio, onde se revolve o leproso. O poder e a riqueza, da mesma fórma que a vida, são bens que os céus nos emprestam, para fazermos d'elles um uso bom, e que nos pedem de novo quando resolvem dar ao mundo o exemplo atterrador da sua omnipotencia. Attentai bem em Santa Helena, poderosos que vos deixais desvairar pela vertigem das alturas, lêde o poema de Job, opulentos que vos enlevais na insensata contemplação das vossas riquezas!

O talento, o dom mais sublime que Deus concede aos homens, raio de luz que o Omnipotente desprende da sua corôa para illuminar com elle a fronte dos seus eleitos, alavanca d'Archimedes com que se agita o mundo, varinha de condão que doma os corações, que faz brotar lagrimas, enthusiasmo das almas sobre que actúa, não está por isso ao abrigo da colera divina. A mão que parte os sceptros, que dissipa as riquezas, pode tocar tambem n'essas fronteas sublimes, e deixar o vacuo no sitio, onde se atropellava um mundo de idéas grandiosas.

Quem não se lembra, entre nós, do homem cuja delicada intelligencia, cuja fina critica sabia discriminar tão bem o oiro bom das minas litterarias que revolvia, cujo gracioso espirito pairava com tão brancas azas nas regiões serenas do ideal, cuja penna era habil cinzel que lavrava e torneava as frases, que desbastava o marmore compacto da prosa, e o fazia desentranhar-se em prodigiosos rendilhados, que pareciam ser até ahí o privilegio exclusivo da poesia?

Quem se não lembra do mimoso folhetinista, que transformava os periodos em estrophes harmoniosas, que lhes dava os encantos da musica, que os animava com o sopro da melodia?

E onde está hoje o predilecto dos leitores, o Benvenuto Cellini da palavra, o artista do folhetim, o idolo das salas, o fundador entre nós da litteratura ligeira? Onde se encontra esse vulto sympathico? Caminhou de triumpho em triumpho, e des-

cança agora á sombra dos loiros conquistados? Guia com os seus conselhos, pelos caminhos que trilhou primeiro, os que lhe seguiram os passos? Escuta com justificado orgulho o preludio dos elogios da posteridade?

Contempla serenamente no horisonte o tumulo que se lhe illumina com os resplendores da gloria? Enleva-se ainda com os encantos das melodias, adora o bello, o ideal, investiga com a luz do seu talento as trevas da historia, desenhar algum vulto na tela do romance e prepara-se a adornal-o com o colorido mágico da sua palheta?»

Batei á porta do ergastulo da loucura, e alli vereis, apagada a luz da intelligencia, extincto de todo esse delicado talento, cadaver que o sol da vida ainda aquece, alma que jaz em trevas, o gracioso folhetinista, o escriptor elegante, Lopes de Mendonça emfim!

II

Quando os pendões da nova litteratura se despregaram em Portugal, sustidos pelas mãos vigorosas de Castilho, Herculano, e Garrett, todos os talentos correram pressurosos a alistar-se nas fileiras romanticas, e tomaram o posto para onde os impellia a sua vocação. A poesia, o drama, o romance contaram os seus campeões, em maior ou menor numero, mais ou menos habéis, mais ou menos denodados, só o folhetim, genero de litteratura completamente novo, parecia não dever enraizar-se em Portugal. Lopes de Mendonça, luctando então com os infortunios que lhe escureceram a manhã da vida, e que como que lhe presagiaram os horrores do anoitecer, não revelára o seu talento, fadado expressamente para colher viçosos louros n'este campo ainda virgem. Não tardou elle a mostrar-se, e a fazer presentir nos seus eusaioes balbuciantes a encantadora magia de estylo, que havia de dar tanta gloria ao mimoso auctor das *Recordações d'Italia*.

Qual era a indole do folhetim, d'esse genero essencialmente francez, que toda a Europa devia depois adoptar com enthusiasmo? Era a indole da borboleta. É velha, mas sempre boa esta comparação. O folhetim devia esvoaçar por todos os assumptos, devia ter as azas matizadas, devia poisar em todas as flores, deter-se algumas vezes em suave contemplação, seguir as leis do seu capricho, divagar por todos os meandros que se lhe offerecessem, comtanto que não saisse do jardim delicado e aprisivel onde lhe cumpria espanejar-se.

Se combatesse, não devia servir-se do ferrão da abelha, mas sim do bater d'aza da mariposa, que derruba o insecto que a importuna. As senhoras deviam ser os seus Mecenas, as salas o seu Capitolio. Que talento, mais do que o de Lopes de Mendonça, podia comprehender este genero, e conquistar n'elle uma indisputavel superioridade?

Outr'ora quando era limitadissimo o circulo dos que se deliciavam com os prazeres do espirito, reuniam-se os poetas, os escriptores, os cortezãos nos salões das mulheres illustres, e alli, em torno do fogão ou em torno da meza, começavam essas interminaveis *causeries* scintillantes de chiste, de mimo, de finura que tanto contribuíram para dar uma gloria incantadora a um seculo, fecundo aliás em tantas scenas repugnantes, como foi o seculo passado. Foi alli, n'essa doce e perfumada atmospherá, á luz esplendida dos lustres e ao fulgor ainda mais vivificante e radiante dos lindos olhos das marquezas, que nasceu essa entidade graciosa que actualmente se chama folhetim.

Transportemo-nos em imaginação a uma d'essas salas aristocraticas, assistâmos a uma d'essas reuniões familiares. Recostam-se languidamente nos macios *sophás m.^{mes}* de Grammont, de Choiseul, de Racné, d'Amblimont. As ondas de luz, que fluctuam no salão, dão um realce incantador ás suas mimosas physionomias. Ao agitarem levemente a cabeça expandem em torno de si uma nuvem de pós odoríferos, que perfuma o ambiente. Adivinha-se o pésinho delicioso por baixo das sedas roçagantes: Os jovens cortezãos imprevidentes do futuro encostam-se graciosamente ao espaldar das cadeiras, e deixam-se deslumbrar pelos raios que emanam das aveludadas pupillas das senhoras. Acabou talvez de sair Bernardin de Saint-Pierre, depois de ter lido alguns capitulos do seu *Paulo e Virginia*, ou foi talvez Marmontel quem declamou a assucarada prosa dos seus *Incas*. Chamfort o elegante Chamfort, o gentil e espirituoso auctor do *Marchand de Smyrne* prende as attentões de todos. A sua palavra fluente, viva, animada, colorida insinua-se agradavelmente no ouvido das senhoras, que o escutam enlevadas, entretem os homens que o ouvem sorrindo-se, que o acham frivolo talvez; mas que se temem da sua veia sarcastica. E Chamfort entretanto narra elegantemente uma anedocta da cõrte, flagella com um dito de bom gosto os periodos do auctor do *Belisario*, ou exprime com animação as impressões, que produziu sobre elle o commovente drama dos dois ingenuos namorados da ilha de França.

É possivel tambem, porque a veia de Chamfort é irmã da de

Beaumarchais, e o *Marchand de Smyrne* é da familia do *Maria-ge de Figaro*, é possível que o elegante conversador, a quem a moda tudo permite, aventure alguma observação chistosa que faça vacillar e tremer nas suas bases o edificio do antigo regimen com applauso (ó cegueira!) dos seus habitantes. O rei da conversação tudo pôde, o colorido pittoresco da sua palavra é-lhe sempre egide para tudo. E, no vivo movimento da conversação, póisa, em todos os assumptos, agrada, incanta, extasia. Sabe sêr frivolo na apparencia, profundo na essencia, difficuldade, que não percebem os que são verdadeiramente superficiaes, os que tudo avaliam pelas fórmas exteriores.

Pois ahí tendes o folhetim, o folhetim oral perfeitamente definido, tal como deve sêr para que se lhe conceda um logar de honra entre os differentes generos de litteratura.

Depois, no seculo actual, a illustração invadiu todas as classes, e todos quizeram saborear estas apreciações rapidas, este tiroteio ligeiro, mas que nem por isso deixa de acertar no alvo. O folhetim substituiu a conversação, não deixando por isso de exigir todas as qualidades necessarias outr'ora, quando tinha ouvintes em vez de leitores.

Lopes de Mendonça, cuja excessiva timidez o tornaria completamente improprio para os triumphos de sala, achou-se á vontade logo que pôde, no seu tranquillo gabinete, conversar por intermedio da imprensa, com a multidão dos seus entusiastas. Adquiriu rapidamente a aura, que lhe competia, e o seu nome teve a popularidade, que ainda conserva, apesar do seu desaparecimento da scena da sua gloria, e da proverbial ingratição do publico.

III

Haverá escriptores de linguagem mais correcta do que a de Lopes de Mendonça, poucos haverá que tenham mais correcção de estylo. Estas duas palavras *linguagem* e *estylo* andam ahí por tal fórma barulhadas, que o periodo antecedente necessita de uma explicação. Consiste a correcção da linguagem na vernaculidade irreprehensivel, na pureza de locução, na proscricção cuidadosa de termos estrangeirados, na escrupulosa obediencia ás regras da grammatica. A correcção do estylo consiste na nobreza da phrase, na formação elegante do periodo, no cuidadoso desbistar de repetições, de battologias, e de outros defeitos que ferem desagradavelmente o ouvido. N'este ponto são modélos os folhetins e os livros de Lopes de Mendonça.

Ninguem melhor do que elle sabia conservar a fluencia e

nitidez da phrase no meio do luxuriante desabrochar das flores da sua imaginação. O colorido não prejudicava a firmeza do traço, as tentações da phantasia não lhe faziam perder nunca a serena lucidez dos periodos. As imagens e as idéas jorravam-lhe em tropel da mente, mas ordenavam-se e tomavam o seu lugar de maneira que formassem um conjuncto harmonioso.

Nas *Recordações da Italia*, que são, em quanto a mim, a sua obra prima, pôde-se avaliar bem esta qualidade característica do seu talento. Entrega-se alli a todos os caprichos da sua veia folhetinistica, deixa ir a penna aonde a chama o seu espirito entusiasta, mas conserva n'este apparente desleixo a immaculada pureza do estylo, a luminosa transparencia da phrase. Aquelle livro é como um d'esses formosos jardins italianos, que desenrolam as suas magnificencias ao limpido fulgor do sol meridional. Delicia-se a vista com a variada perspectiva; as marmoreas escadarias ostentam os primores d'arte das estatuas que as adornam; além os cysnes cruzam, em alvejante flotilha, as aguas tranquilladas dos lagos; n'esse crystallino espelho miram-se, entre encantadas e esquivas, as nymphas que fez brotar o voluptuoso cinzel dos esculptores; mais adiante estende-se um taboleiro de aveludada relva; uma alameda frondosa offerece aos amores o seu mysterioso asylo; ri um fauno coroadado de hera no verde recanto em que se esconde, mas sobre tudo isto resplende a luz do sol, desenrola-se o docel azul do firmamento, tudo se doira com o mesmo fulgor, e o passeiante, ao percorrer esses jardins encantados, sente a doce impressão, que produz sempre a formosura esplendida, mas harmonica.

Não se imagine por isso que as *Recordações da Italia* pertencem a essa classe de livros fastidiosos, cheios de empolada correcção, que faziam as delicias dos leitores do seculo passado. Entre a impertigada pompa dos periodos academicos e a elegante opulencia da prosa de Lopes de Mendonça ha um mundo. A pautada symetria dos jardins de Versailles, que se salva apenas pela magnitude e magnificencia, mas que, reproduzindo-se muitas vezes, causa por força tédio, nada tem de commum com a graciosa harmonia das *villas* italianas, onde a vista se não cança de contemplar as maravilhas a cada passo renascentes. Que tem que ver o prosaico alinhamento das nossas cidades modernas com o elegante e harmonioso capricho das ruas d'Athenas, ou do Forum romano? E comtudo a desordem repugnaria ao delicado gosto da antiguidade, ainda mesmo que essa desordem fosse o delirio do genio.

O seculo actual, que em questões d'arte não tem gosto pro-

prio, extasia-se igualmente perante os correctos prodigios do Parthénon, e perante o louco espanejar de maravilhas, que fórma a indole principal da architectura da idade média: Sétinus e Affonso Domingues téem direito igual á nossa admiração. As brancas estatuas que o cinzel de Phidias fez brotar do marmore pentelico, as flores, os anjos, os demonios que a imaginação ascetica de algum monge esculptor bordou em mil rendilhados e lavores na tela sombria das igrejas gothicas, as columnas corinthias com o gracioso acantho, os columnellos arabes com os seus frizos e laçarias produzem sobre nós igual impressão extatica. A poesia contemporanea, como a hera das ruinas, enlaça-se igualmente nos porticos derrocados de Roma, e na quebrada ogiva das abbadias allemãs. A critica enthusias-tica da actualidade procura, como a scismadora luz do astro das noites, dar igual realce ás columnas troncadas de Palmyra, e ás vetustas muralhas do castello feudal. Mas felizmente tem o bom gosto de se não extasiar nem perante a bruta fachada do convento de Mafra, nem perante o disciplinado alinhamento dos *boulevards* novos de Pariz.

O talento de Lopes de Mendonça não se deixava tentar pelas seducções do estylo gothico (permitta-se-nos o termo) de que a inexaurivel imaginação de Victor Hugo se tem servido para nos doar monumentos, d'onde saímos pallidos e extenuados, como se tivéssemos contemplado minuciosamente as maravilhosas naves de Colonia, ou de Strasburgo. Este genero de estylo, que, applicado ao folhetim, fez a gloria de Theophilo Gautier, não era o que quadrava á indole intellectual do folhetinista da *Revolução de Setembro*. Se teirmos (empresa sempre ardua, para não dizermos impossivel) em o comparar com algum dos notaveis escriptores francezes, que devem á primazia n'este genero a sua reputação, assemelhal-o-hiamos antes a Paulo de St. Victor, pela fluencia da linguagem, pelas *franches allures* do estylo. Mas, repito, são sempre futeis estas comparações, e Lopes de Mendonça tem o seu caracter, a sua phisionomia particular.

Para fazermos comprehender bem o estylo do auctor das *Recordações d'Italia*, comparemos o nosso viajante com o *touriste* francez, Theophilo Gautier. Ponhâmol-os bem frente a frente, porque são realmente os representantes de duas escólas oppos-tas, aqui o delirio, além a serenidade, aqui o fogo, além a luz. Gautier viaja, como viaja a caprichosa torrente, fazendo uma infinidade de meandros, não se contentando em espelhar o rochedo, mas envolvendo-o n'um manto de espuma, não refle-

ctindo apenas o sol, mas quebrando-lhe os raios em mil particulas doiradas, arrastando-as no seu curso vertiginoso, scintillante, namorando o arvoredos, mas roubando-lhe um tronco, despenhando-se em cascata, bracejando ramos d'agua para todos os lados, investigando o mais pequeno intersticio, mas não parando no doido turbilhão. Lopes de Mendonça, pelo contrario, é o placido rio dos valles, corre veloz mas tranquillo, reflecte as arvores, o céu, os castellos que encontra na margem, presta o seu crystallino espelho ás graciosas physionomias que n'elle se miram sorrindo-se, não se vai perder nas gargantas, onde lhe falte a luz do céu, mas caminha sempre luminoso, sereno, transparente.

Leiam qualquer dos livros de viagem do folhetinista francez, percorram as mimosas paginas das *Recordações d'Italia* do nosso compatriota, e digam depois se me enganei ou não.

IV

Lopes de Mendonça procurou por mais de uma vez sair do campo dos seus triumphos, e aventurar-se nas regiões do romance e do drama. Não creio que fosse feliz n'essas excursões. A indole especial do seu talento recusava-se a dispôr os personagens, a escolher o assumpto, a tratá-lo systematicamente. São admiraveis os rapidos quadros romanticos, que se encontram nas *Recordações d'Italia*, porque são apenas ligeirissimos esboços, em que basta a delicadesa do traço, a elegancia dos contornos, e o mimoso colorido dos horisonles para enlevar os leitores. Mas as mesmas qualidades, que tornavam Lopes de Mendonça inimitavel como folhetinista, deviam prejudicialo quando quizesse escrever obras de maior folego. Aquella natureza movel e impressionavel, aquella alma crystallina que reflectia todos os esplendores, mas que de nenhum se impregnava, como o vidro polido dos espelhos, aquella imaginação que se incendiava com todos os fogos, porém que os não tinha em si mesma, mina de polvora mas não volcão, podiam fazer maravilhas, quando a minima scintella as inflammasse, não irrompiam em labaredas, originadas pelo fogo intimo.

Nunca viram, ao pôr do sol, essas nuvensinhas brancas, que fluctuam no azul dos céus? Enleva-se n'ellas a vista, admirando-lhes a immaculada candidez, mas nem suspeita os prodigios que pôdem d'ali brotar. De repente o astro moribundo desprenhe da sua corôa de fogo um raio que vai incendiar a timida nuvem, que se baloiçava pensativa nas azas da aragem, como

pomba longe do ninho. Purpureia-a o subito clarão, tinge-a de reflexos rosados, orna-a de franjas de oiro, e nós estupefactos vê-mol-a transformar-se ora em palacio oriental cravejado de rubins e topasios, ora em mansão de fadas illuminada de roseos fulgores, depois em monte de fragas inundado por ondas de sangue, logo em corcel envolto em rico manto de purpura, e todas as maravilhas dos sonhos, todos os prodigios das *Mil e Uma Noites* tudo a nuvem nos realisa, com tudo nos encanta.

Era assim a phantasia de Lopes de Mendonça. Que um raio do sol a illuminasse, que a fada da melodia lhe tocasse com a varinha branca, e eil-a a desentranhar-se em veios inexauriveis de opulentas imagens, embellezadas por feiticeiro colorido.

Ninguém, como elle, soube adornar os estudos criticos com tantos recamos e labores, labores e recamos que não prejudicavam a verdade e a firmeza da observação. O bom gosto é uma qualidade inseparavel de talentos d'esta indole. E gosto fino e delicado possuia-o, como poucos, Lopes de Mendonça.

Percorram as *Memorias de Litteratura Contemporanea*, e ali poderão analysar a feição critica do talento do infeliz escriptor. Encontram uma série de apreciações notaveis pelo estylo elegante, em que estão escriptas, pela delicadeza, e pelo bom gosto que revelam. Não encontram de certo uma obra em que estejam estudadas as tendencias da nossa litteratura, uma historia das letras modernas em Portugal. As *Memorias* são uma collecção de impressões, escriptas logo que foram sentidas, reunidas depois em gracioso panorama. Não são, nem o poderiam ser, uma obra como a exige o espirito moderno da critica, espirito observador e creador a um tempo, que analysa as impressões que sente, e que adivinha as tendencias dos escriptores, tendencias que elles proprios seguem sem muitas vezes as perceberem.

O encantador espirito de Lopes de Mendonça não era feito para estas investigações, que requerem uma tensão fortissima das faculdades da alma. Era critico como Sainte-Beuve, não como Taine, critico delicado, de um gosto apuradissimo, mas que não podia supportar a fadiga de tirar a consequencia das suas proprias impressões, de as entender, de as compendiar. O seu livro é uma collecção magnifica de apontamentos que hão de guiar o espirito laborioso, paciente e severo, que alguma vez appareça; com denodo sufficiente para tomar a seus hombros a ardua tarefa de escrever a historia critica da nossa litteratura.

Não sei se é defeito isto que aponto. Parece-me que não. Quem tem o talento de discriminar o bom do mau, o trigo do joio, o oiro das fezes, de exprimir com enthusiasmo as impressões que lhe produz o bello, de apontar sem azedume e com delicadeza os defeitos que se lhe deparam, tem já um formoso papel na litteratura da sua nação.

Affronta por affronta, drama, e *Memorias de um doido*, romance, são duas obras, em que o estylo não desmerece da pompa elegante, que lhe é habitual, mas que nos não auctorisam a apresentar aos leitores Lopes de Mendonça debaixo d'um aspecto, que não seja o de mimoso folhetinista, e delicado critico. *Damião de Goes*, e o *Duque de Palmella* são estudos historicos, a que as qualidades de estylo, e justeza de observação dão certo relevo, mas que fatigavam um pouco o espirito ligeiro de Lopes de Mendonça. O lapis do desenhador historico só a custo se demorava em profundar os factos, e preferia correr ao de leve pela tela, deixando á posteridade graciosos esboços.

V

Eil-o, imperfeitamente desenhado, esse nobre vulto, para quem já começou a posteridade, sem que elle franqueasse os humbraes da sepultura. Cadaver sem tumulo, temol-o ainda entre nós, quando o seu espirito já pousa aos pés do Omnipotente. Harpa éolia emmudecida, sem que se lhe partissem as cordas, adejam-lhe em torno os ineffaveis murmurios da criação, esvoaçam as brizas, bafeja-a o sopro das melodias, roçam por ella as azas invisiveis dos sylphos, que pairam entre céu e terra por noites estrelladas, poisam-lhe ao de leve em cima as rolas das tristezas, desafiam-n'a da ramaria os rouxinoes das florestas, e rouxinoes, rolas, sylphos, melodias, virações, murmurios tudo parece dizer-lhe: «Porque deixaste de gemer, ó harpa solitaria?»

No sanctuario profanado, onde entrou ebria soldadesca infrene, ficam de pé os muros, intacto o edificio, erectos os altares, mas desaparecem os vasos sagrados, baqueiam derrubadas no pó as imagens santas, apagam-se as lampadas do tabernaculo, e com a luz extincta, com o perfume esvaído das flores, que jazem murchas no chão, foge tam bem esse augusto mysterio que se respirava no ambiente do templo, e que nos fazia dobrar o joelho com devoção e respeito. A impressão, que se sente, é mil vezes mais amarga do que a que produz sobre nós a vista de uma igreja em ruinas. Os muros esboroa-

dos de uma cathedral, de uma abbadia, de um mosteiro, se o tempo os marcou com o seu venerando sello, se o musgo os enlaça piedosamente, e junta aos capiteis das columnas os seus vérdes ornatos, exhalam um perfume de doce tristeza, de suave melancolia, que enleva o pensador, que os vai contemplar á hora em que o sol poente os doira com os seus poeticos reflexos. Mas o espectáculo da igreja profanada opprime-nos o peito, compunge-nos o coração.

Assim no cerebro de Lopes de Mendonça a mão brutal da loucura despedaçou o mundo de poesia que n'elle se abrigava. A atonia moral profanou o sanctuario e deixou-o ficar erguido, cheio de vida, sem luz que o illuminasse, sem flores que o perfumassem. Pobre templo abandonado, quem não sente uma dôr profunda ao vêr-te assim ermo, sombrio, e silencioso, a ti que outr'ora te povoavas de tantas graciosas imagens, que difundias tão sereno fulgor, que te desentranhavas em tão melodiosas vozes?

Ha pouco tempo que fui visitar no Porto o tumulo de Soares de Passos. Foi á hora do crepusculo, á hora das tristezas. Sentime lá tão bem, experimentei um goso tão suave, respirei tão doces effluvios de poesia, a alma librou-se-me em tão ligeiras azas, e pairou n'uma tão pura atmosphaera!

Mas que impressão tão amarga que sentimos ao aproximarmos de Lopes de Mendonça, que dôr tão profunda nos salteia, quando de balde tentamos acordar as fibras geladas d'essa alma, reaccender n'esses olhos sem luz a chamma da intelligencia!

Acatemol-o mais do que a qualquer outro! É duplamente sagrada essa fronte, depois que a comprimiu a mão de ferro da desgraça! É mais esplendida essa gloria, hoje que fulgura nas trevas do infortunio! Preito e veneração a esse monarcha do talento, que junta ao prestigio do solio, onde campeou, o do exilio para essas regiões sombrias, onde a loucura sacode os seus horridos guizos! Curvemó-nos respeitosos perante o resplendor que emana d'esse duplo diadema de louros e de espinhos!

M. PINHEIRO CHAGAS.

MODESTO DE MAIS

AO SR. J. D'ANDRADE CORVO



alvez se lembre ainda, meu charo João d'Andrade Corvo, de quanto nós rimos uma ocasião conversando sobre as manias de alguns excêntricos nossos conhecidos. Desde um anno em que, graças á proximidade das nossas cadeiras no theatro de S. Carlos, eu tinha a fortuna de gozar ás noites da sua conversação tão variada e tão profunda, meu querido Corvo, foi essa a unica vez em que se renovou para mim o prazer de o escutar: não a esqueci; eu, que devo tanto á sua amizade, devo tambem muito ao seu espirito; não me tem apenas dado provas da lealdade raramente obsequiosa da sua indole, tem-me alegrado mil vezes pelos chistes originaes e delicados do seu genio encantador, que a sciencia não tem entristecido, e que se conserva, atravez de uma assombrosa copia de conhecimentos em todos os ramos do saber humano, simples, gracioso e bom. Ora, no *cavaco* a que alludo, escapou á nossa galeria de manicacos, — ainda me estou a rir de um dos seus,

aquelle que se vestia com trages de todas as épocas para lilar o retrato, e enchia depois por este modo as paredes de retratos... de seus avós!.. — escapou á nossa galeria de manicacos o meu amigo José Manuel, cujo esboço historico vou ter hoje o gosto de lhe offerecer.

José Manuel andou commigo no collegio dos srs. Pontes de Attayde, denominado Collegio do Coração de Jesus e estabelecido na freguezia que lhe dá o nome. Era um moço de desoito annos, filho de um confeiteiro rico que se recreava de'o ver medrar no latim, na geographia, e na lingua franceza. Rapaz bem apessoado, muito trigueiro, de rosto agradável, scismatico e galhofeiro, entusiasta e humilde, recheado de systemas e de utopias, e levando sempre por diante algum paradoxo, não na palestra como *quem faz espirito*, mas na vida. Estimavamol-o todos pelo seu agrado, e pela saborosa marmelada que lhe liberalisava o auctor de seus dias, da qual esse estimavel condiscipulo repartia á refeição com os companheiros. Desleixado e preguiçoso como um poeta, tão depressa tinha um facto novo ou o estragava dentro de uma semana, ou guardava-o nas gavetas e não havia convencel-o a que se enfarpelasse á moda para ir passear com o collegio aos domingos e ás quintas feiras. Namorava seu bocado, ora com a timidez e acanhamento de Cherubim, ora com o desembaraço de Don Juan; mas esquecia-lhe sempre de ir fallar ás moças nõ dia em que ellas se propunham a não terem já animo de lhe recusarem coisa alguma.

A toda esta originalidade reunia José Manuel uma muito maior ainda, com ares de opinião philosophica. Na idéa de que a responsabilidade pessoal seja a fonte de todos os males humanos, intendia que não ha senão dois destinos bons n'este mundo, ser mulher ou criado de servir. Na impossibilidade de vir a ser mulher, José Manuel empreendeu na mania de se fazer criado.

—Meu rico, dizia-me elle ás vezes, a felicidade não está n'outra coisa. A libré ou o cesto das compras no braço symbolisam a liberdade, a independencia, a ociosidade, a phantasia, o *não se me dá* do que vae pelo mundo!

Tão habituado andava áquellas ratices d'elle, que já não fazia caso, e ria-me. Sahi do collegio; elle ainda lá ficou; tivemos ambos pena de nos separarmos, porque nos ligava grande sympathia, e cada um de nós prometteu ao outro que o havia de visitar. Tempo depois, n'um domingo de manhã, vi José Manuel entrar-me em casa.

— Prompto ! disse-me elle. Acabei com aquillo ! Tive coragem para ser feliz ! Aproveitei uns tostões que tinha, e não foi preciso empatar tempo ; fui ao escriptorio da rua larga de S. Roque, e estás vendo na minha pessoa o creado do sr. Clemente Eloy Barbosa, rico negociante, como se diz no theatro. Não levou mais de dois dias esta empreitada !

Sem querer dar-lhe ouvidos, obriguei-o a metter-se comigo n'uma sege e corremos ao escriptorio de creados, onde resgatei contra sua vontade a palavra d'aquelle doido. Acompanhei-o a casa, fil-o sentar á força na sua propria poltrona, e puz-lhe nas mãos um livro de Castilho. Depois remechi as gavetas de baixo para cima, encontrei um manuscripto intitulado *Pachorra* e principiei a lel-o.

Da segunda pagina em diante já eu estava n'uma consternação de pasmo. O romance era uma maravilha ; havia n'essas paginas, que o auctor desdenhava, todas as grandes qualidades das escólas modernas, as altas concepções, as largas vistas moraes e philosophicas, a ousadia e elegancia de um estylo habilissimo, e a viva luz que aquece a harmonia poderosa e serena das composições dos mestres. O unico defeito era o de não estarem desenvolvidos alguns pontos, perfeitamente indicados, mas que o auctor não tivera paciencia para escrever. Depois de haver devorado o manuscripto todo, disse eu a José Manuel que estava a fumar e a scismar :

— Ó José, eu não te peço que completes este livro, porque sei muito bem que era pedido inutil. Se queres, preencho eu alguma lacuna, e fallo ao meu editor. Pensa unicamente n'uma coisa, é que este livro póde formar a tua reputação !

— Faze o que te parecer, respondeu-me elle, mas que proveito se tira d'ahi ? Eu mais dia menos dia hei de ser creado de servir !

Ergui-me furioso, e levei os papeis. Oito dias depois, o meu editor, contentissimo, mandou-me trinta libras, e queria que o romance apparecesse dentro de um mez. Tinha eu que ir ao Porto por essa occasião, e pedi a José Manuel que revésse as provas com cautela. Parti, demorei-me por lá um mez sempre entretido em festas, e quando voltei vim encontrar uma carta do editor, breve mas energica, que dizia simplesmente : Meu charo amigo, esta pilula é que eu não lhe perdoarei emquanto fór vivo. O romance, que no manuscripto me pareceu magnifico, acho agora que não presta para nada. Appareça por cá, para eu lhe descarregar algumas maldições, e para fumarmos dois charutos d'aquelles que o meu amigo, aqui ha tempo, tanto gabou. Sempre amigo.»

Corri a casa do meu cumplice José Manuel. O miseravel desapparecêra sem deixar o mais leve indicio que pudesse guiarme para o encontrar. O mais que fizera foi escrever-me tambem uma carta. A carta dizia : « Meu charo Julio, estiveste a ponto de me perderes para sempre. Se tenho eonsentido em teus intentos, a *Pachorra* a esta hora estava recommendada nos noticiarios e eu feito litterato sem appellação nem aggravo. Olha que chalaça ! Como havia ao depois ter animo para ser creado de servir !? »

Esse gracejo estúpido irritou-me. Fui a casa do editor e sem lhe dar os bons dias, sem lhe apertar a mão, atirei-me como um doido ao primeiro exemplar da obra que me cahiu á mão, e li !

Misericordia divina ! Nunca se viu dentista que redigisse peor ! Imagens tolas, grammatica impossivel, orthografia de cosinheira, estylo de homem que vende agulhas e alfinetes ! Atterrado, confuso, pedi ao chão que se abrisse como nas magicas do Salitre.

— Amigo, disse eu ao editor, quasi a chorar, vou fazer-lhe um livro para o indemnizar do dinheiro que lhe fiz perder !

No receio, supponho, de que este meio de salvacão acabasse de o perder, . . . não acceitou.

D'ali a dias já não me lembrava semelhante historia, e pelo que respeita a José Manuel passaram-se tres mezes sem lhe eu pôr a vista. Até que uma vez, era no principio do verão, n'uma lindissima manhã de julho, o ar estava purissimo, o céu azul, eu ia pelo Campo de Santa Anna sem outro fim senão passear, a rama das arvores estremecia de luz, eu não tinha que escrever folhetim n'esse dia, e estava alegre, contente de viver . . . De repente offereceu-se a meus olhos um singular espectaculo.

Um moço esbelto e forte, mas mal trajado, ia como cangalheiro puchando pela arreata a um burro carregado de hortaliça, e apregoava serenamente :

— Merca dois repolhos !

E embrulhava a arreata ao braço, d'outras vezes ao pescoço, para maior commodidade de attitude, com ares de voluptuosa preguiça. De subito, o cangalheiro vê-me, atira-se a mim aos abraços sem largar sequer a arreata, e diz-me em tom de intimidade :

— Adeus, ó Julio, que é feito de ti ?!

— Desgraçado ! exclamo.

Reconhecêra Jose Manuel.

Olhei para elle indignado. Sua phisionomia revelava uma sa

tisfação perenne. Parecia um homem amado por seus dotes naturais, ou um individuo que acaba de embolsar a sorte grande.

—Aqui me tens, meu amigo. Estou independente e livre! Tenho por meu o ar, o espaço, as aguas, o arvoredor, a natureza, a poesia! Estou a servir na horta da Rabicha; a melhor horta de Lisboa; vé, que repólhos, que rabanos, que rica alfalce! Disfructo os bens da vida airada, que não conhecem n'este mundo os que pagam renda de casas, os que dão dinheiro todas as manhãs para as compras do dia, os que se vêem obrigados a andar bem vestidos, e principalmente os que por sua desgraça vivem de ter talento!

Apesar de rasões tão solidas, depois de empregar eloquencia, ameaças, supplicas, e um nobre accionado, decidi José Manuel a acompanhar-me. Ao tirar a arreata do pescoço, inundaram-se-lhe os olhos de saudosas lagrimas. Mandámos um galego acompanhar o burro até á horta, e mettemo-nos n'uma sege. José Manuel olhava inconsolavel para as cangalhas, e á proporção que o burro se apartava parecia o moço ver quebrar-se o fio dos humanos destinos.

— Ah! exclamou entre angustiosos soluços; pela segunda vez me impedes de ser feliz. Enquanto fôres vivo, creio que não lograrei ventura! E todavia bem sabes que, no meu modo de vér, só ha uma profissão que valha a pena: — ser creado!

E eu dizia entre mim:

— Pois ha de extinguir-se d'esta maneira um tão grande talento e sepultar-se semelhante mocidade! Creado de um sonho, escravo de uma chalaça, um demonio d'estes, um poeta, que poderia enlevar-nos as almas nas azas da idéa até ao sublime concerto das esphéras; ou, como Theocrito com os seus pegueiros, obrigar-nos a acompanhar com um sorriso humido de lagrimas o côro dos amores idyllicos, nas verdejantes colinas, ao som do dôce murmurar das fontes; ou mesmo, se nos houvera contado os dramas da sua alma, fazer estremecer a turba aos impulsos da sua paixão e da sua colera; ou tambem, espirito entusiasta e gracioso que sempre antevia o riso da musa comica atravez dos melodramas da vida, poderia gracejar, deliciando o publico, e continuar o intento de Garrett nas *Viagens na minha terra*; — mas, que lhe haviamos nós fazer, se elle preferia a tudo isto... ir puchando por uma arreata!

Oppôr-se-lhe uma pessoa de encontrão a semelhante mania, era para dar com elle em Rilhafolles; entretanto a difficuldade estava em encontrar um lugar de creado que fosse decente.

Para onde havia de arrumar-se um rapaz no seu caso?

Foi ao voltar de uma esquina que me surgiu o expediente. Eu sou antigo e affectuosissimo admirador da senhora P. Ao entrar na vida principiei logo a *brincar* em verso n'um jornal que esta senhora redigia. A *Beneficencia*, e não esquecerei nunca a estima como maternal com que me tratou sempre; o seu genio alegre faz com que em nos encontrando tenhamos sempre de que rir, e é tão raro n'esta aluvião de semsaborias achar uma pessoa que nos alegre, que, da tal occasião, vendo-a ao voltar de uma esquina, corri a fallar-lhe:

— Quer conversar? me disse.

— Pudéra não! Decerto quero.

— Pois então é fazer como eu e entrar n'este omnibus.

Palavras não eram ditas um aceno ao omnibus, o omnibus a parar, a senhora P. a entrar n'elle, eu a seguir a senhora P. e o omnibus a partir comnosco.

— Para onde vamos então? perguntei.

— Para Carnide!

— Ah! Para Carnide! E porque vamos nós para Carnide?

— Porque estou lá morando, para ficar perto de meu filho que estuda no collegio militar; porque sou esperada a esta hora em minha casa por uma companhia de *marionettes* que dão esta noite uma representação n'uma salla que lhes emprestei para esse fim; porque, não tendo um instante de meu para conversarmos hoje em Lisboa, levo-o para conversarmos em Carnide e para que assista logo á recita dos automatos!

— Essa agora! E como hei de eu voltar esta noite?

— É que não ha de voltar senão ámanhã.

— E um hospede que eu tenho, porque tenho n'este momento um hospede, José Manuel, companheiro de collegio, amigo ante-diluviano!

— Escreve-se de lá ao hospede, e diz-se-lhe que vá para Carnide ou que espere por si até ámanhã!

Não havia que retrucar; não retruquei; a seducção era por ahí além; grande perspectiva de cavaco; o sr. C. o popular auctor do *Alcaide de Faro* e da *Noite de Santo Antonio* estava na Luz e iria á noite ao espectáculo; os bonecos representariam *O infeliz Florestan*, tragedia cheia de carceres e de situações; todos os saloios de Carnide e circumvisinhanças compareceriam; estava tambem convidada uma padeira da Porcalhota muito amante de poesia; ia ser funcção rasgada e risola toda a santissima noite! — Ó Carnide! exclamei: Tu não és uma vã palavra!

A festa foi a mais risonha possivel. Estava a salla cheia de bancos, os bancos cheios de saloios, e os saloios cheios de ale-

gria. Á frente, proximo do theatrinho dos automatós, seis grandes cadeiras para a dona da casa e sua familia; na qualidade e hospede gozei de uma d'essas cadeiras, e poudes disfrutar a um tempo a tragedia dos bonecos, e a farça dos espectadores. Todos os saloios se puzeram de pé quando entrámos, e o empresario fez um breve *speech* em louvor de quem tão generosamente prestára uma das suas sallas para aquelle entretenimento, cujos lucros seriam em parte applicados a concertar alguns dos artistas da companhia, que, assaz deteriorados pelas viagens, se achavam quasi todos com uma perna torcida, com a cara escalavrada, ou com um braço sem acção. Em seguida, principiou a funcção, que fez rir muito como sempre succede ás tragedias, e em que, se bem me lembro, havia um boneco preto que dava cambalhotas para exprimir as situações afflictivas, o que era de uma originalidade e philosophia mui divertidas.

Findando a recita os saloios não choraram o seu pataco d'entrada, o que é o maior elogio da festa, e retirando-se contentissimos deixaram aquella linda vivenda de Carnide entregue á tranquillidade, á suave quietação campestre da vida de familia na aldéa.

Era uma noite calmosa de julho, o sino da egreja da Luz deu as dose badaladas da meia [noite, e os meus costumes de lisboeta oppozeram-se [a que fosse deitar-me a essa hora, que me parecia ser o fusque fusque das ave-marias dos homens de bem. Havia na casa um terraço que deitava para a quinta, e a senhora P., C. e eu, fomos sentar-nos para o terraço e conversar.

— Se o Julio estivesse agora como no tempo em que eu o conheci, isolado, orfão, triste, disse-me a amavel dona da casa, havia de pedir-lhe que viesse passar aqui algum tempo n'esta vivenda tranquillissima, e escrevesse um livro sereno e gracioso em que se sentissem as alegrias da primavera e da mocidade, dotes que possuia a novella antiga e que não se encontram já nos romances de hoje, rapsodias que não fazem senão contar fraquezas das almas enfermas que têm séde de alegria e que não sabem procural-a nem na terra nem no céu. Talvez haja por Lisboa,— e, se existe, o Julio deve conhecê-lo — algum moço poeta, grande e modesto, subjugado pelas invejas ou pela pobreza, que estimasse vir para aqui ler, estudar, escrever, e conversar comigo de litteratura e de poesia. Quem sabe se as sombras e as fontes d'esta quinta isolada de Carnide não dariam a Portugal um escriptor amavel, a quem eu houvesse offerecido no principio da sua carreira a commodidade, a independencia, e o socego d'este retiro!

Lembrei-me logo de José Manuel e affiancei á senhora P. que tinha á sua disposição o desejado poeta. Na manhã seguinte parti para Lisboa, resolvi o meu hospede a ir para Carnide, ao que elle se prestou sem difficuldade assim que eu lhe disse que a casa tinha quinta, informando-se apenas com interesse se a quinta tinha nora. Feito o juramento de haver nora na quinta, coisa que muito o entretinha, José Manuel, que nascera para representar todos os papeis, vestiu-se com muito esmero e foi commigo para a Luz.

— O que essa senhora quer provavelmente, dizia-me elle pelo caminho, é ter uma pessoa ao pé de si com quem converse a respeito de livros e de litteratos, de jornaes e de jornalistas, pessoa que não a contrarie, e que a distraia. Vou ser uma especie de irmã de caridade... litteraria ! Esse logar tem sua novidade, e não deixa de me convir.

Chegámos lá muito alegres. Apresentei-o, elle conversou muito, teve bons ditos, contou duas ou tres anedoctas chistosas, e foi para mim aquelle caso como o atravessar de um sonho até á hora em que o deixei instalado em Carnide, todo contente de ter ali casa, cama, e mesa, sem obrigação de trabalhar. Estava o rapaz satisfeito, e eu ainda mais do que elle ; era creado, e não era ; creado para si, sem ser creado para os outros : que triumpho eu conseguira !

Tempo depois... — é melhor referir simplesmente o que a propria senhora P. me contou :

— Primeiro que tudo, disse-me ella, pedi ao seu amigo para jantar commigo e respondeu-me que queria comer na cosinha conforme era proprio do seu dever. No dia seguinte, quiz ir á quinta buscar a hortaliça, deu-me parte que era preciso comprar-lhe um cabaz, e pediu-me a creada em casamento. Em attenção a si tomei isto por gracejo, e fui-o aturando. Mas recusou ler um livro que lhe quiz emprestar, e entendeu que devia obrigar-me a ouvir um artigo que compoz e que tinha por titulo *«Da inutilidade do amor, das artes, e das litteratura!»*

Ao narrar-me taes loucuras, a senhora P. parecia ter pena do genio disparatado d'aquelle pobre diabo ; eu desfiz-me em desculpas e pedi-lhe mais de mil perdões por lhe haver recommendado um maluco assim.

Passou-se mais de um anno ; uma occasião, o redactor do jornal em que escrevo ha perto de seis annos, o sr. S. o grande publicista que todos admiram, dava um jantar, onde se encontravam algumas notabilidades politicas e litterarias. Bem entendido que eu me limitava a escutar, e por signal que conheci

bem n'esse dia que pouco eu sabia e o muito que precisava aprender. O sr. S., apesar da franca amabilidade com que trata sempre os seus amigos, não conseguiu dissimular certa impaciencia. É que á hora de irmos para a mesa constara-the que adocera o traductor da folha, e as noticias estrangeiras d'esse dia eram da maior importancia; considerando o jornal acima de tudo, o sr. S., que depois de jantar (segundo o seu costume) devia escrever o artigo de fundo e dois artigos de polemica, estava a ver se lhe lembrava alguem a quem incumbisse a tarefa da revista estrangeira.

Pensava eu n'isso tambem, quando se me prendeu a attenção a um dos creados que serviam á mesa; rapaz sympathico, de boa côr e olhos bonitos, esperto, [agil, *zaranza*, que quebrava sua terrina, tirava os pratos ántes de se principiar a comer, estava sempre a deitar vinho no copo a pessoas de gravidade, e dava-se ares de janota.

Qual foi meu pasmo quando o espantalho, que eu contemplava, olha tambem para mim escancarando os olhos, estende a perna direita para diante encolhendo a esquerda como um bailarino, ergue os braços ao ceu em ar de palhaço de feira, e deixa cair no meio do chão uma selladeira que se quebrou com um estrondo por ahí além.

— Olha, diz José Manuel com a maior tranquillidade, — por que, claro está, era José Manuel! — és tu, amigo Julio, como vaes de saude?

— Ó biltre, exclamei suffocado em colera, calla já essa boca.

Apesar de todas as minhas diligências para disfarçar o caso, toda a gente o presencéara e não havia mais remedio senão tomar uma resolução.

Ao levantar da mesa, metti o braço ao sr. S. e disse-lhe:

— Meu charo amigo, por uma d'essas ratices fíncriveis que uma pessoa nunca poderá explicar, vim encontrar na sua casa feito creado um rapaz, que, no momento em que lhe dê a *Presse* e o *Times*, faz-lhe um artigo de revista estrangeira que os anjos podem ler; um moço cheio de talento, e que sabe as linguas na perfeição!

O sr. S. largou a rir; pedi-lhe os jornaes, roubei-lhos, dei-os a José Manuel que fez um artigo elegantissimo, um bello trabalho, uma joia de estylo, e que na occasião em que o procuramos para o innundar de louvores... desapareceu de casa!

A ultima vez que o encontrei foi ao Poço do Borratem; parei por causa de um carro de bois e de dois cavallos com ceirões que me embaraçaram o caminho; n'um dos cavallos ia

sentado um homem magro, bilioso, impaciente, praguejando contra o carreiro; pela arreata do cavallo dianteiro puchava magestosamente um moço grave, sisudo, gordo, e de boas côres, que olhava para tudo com a impassibilidade do justo que cantou Horacio.

Era José Manuel.

— Amigo Julio, disse-me elle em tom circumpecto, encontrei finalmente a posição que mais desejava. Este senhor é o patrão Roque, dono do grande padejo a S. Sebastião da Pedreira; casa muito farta, com um quintal que é um paraizo. A familia morre por mim; o patrão acha-me muita graça, serve-me á mesa, e engraixa-me os sapatos. Se gostas de pão saloio, podemos levar-t'ó a casa todos os dias; eu saio apenas á noitinha com a fornada da tarde, pão para o chã, fofo como pão de ló, o melhor que ha. Estou contentissimo. Este verão hei de mandar renovar a easa, e fazer um caramanchão no quintal, tudo com o dinheiro do patrão, bem entendido. Dá cá um abraço, quem sabe agora quando tornaremos a encontrar-nos?!

Nunca mais a tornei a ver. Referindo-lhe, meu charo Andrade Corvo, a vida e aventuras de José Manuel, dispenso-me de fazer considerações sobre o caso, e peço-lhe encarecidamente que não queira tirar d'isto uma conclusão qualquer, para não prejudicar o conto, porque é quasi sempre a moralidade que deita as fabulas a perder.

JULIO CEZAR MACHADO.

DUAS PALAVRAS

Sobre o progresso litterario em Gôa



India é uma das possessões ultramarinas de Portugal, não só importante pelos elementos de riqueza que encerra, mas ainda, e muito mais, pelas tradições históricas, que a assignalam como theatro de feitos portentosos de capitães e navegadores portuguezes.

Os conquistadores da espada que no seculo xvi, se empenharam em alargar as fronteiras de Portugal, subjugando populosas terras na Asia, não encontraram paiz nenhum como Gôa, que viesse submeter-se ao dominio portuguez, saudando os guerreiros como arautos da civilisação. Os conquistadores da cruz seguindo o caminho aberto pelos guerreiros, se ao principio tiveram de superar obstaculos ponderosos para implantar o christianismo, viram, passados os sobresaltos da guerra, nos proprios neophitos, os mais denodados cruzados da santa crença, que em abraço estreito com os pregadores catholicos cimentaram a lei de Christo entre os seus irmãos.

A civilisação europea não veio illuminar com a sua luz povos

selvaticos, que viviam na noite do mais completo obscurantismo e que eram rebeldes a toda a sorte de organização, enganam-se os que assim julgam. A civilização europea veio encontrar os povos já iniciados na civilização indiana, que conservavam por vestigios do seu passado desenvolvimento, a organização peculiar das leis, a docilidade dos habitos e o systema admiravel das instituições sociaes, se bem que completamente abatidos pela pressão da conquista mussulmana.

Em quanto de um lado surgiam pavilhões portuguezes sobre as ruinas do crescente, e se erguiam altares, templos e conventos, no mesmo logar onde pouco antes se viam os minaretes e os pagodes; d'outro lado se fundavam collegios e seminarios, e se abriam escólas destinadas á cultura intellectual dos povos. Se os pavilhões revelavam uma conquista ganha ao poder d'el-rei D. Manuel, e os templos resgatavam o triumpho dedicado ao Deus dos Christãos; os collegios resumiam em si o *fiat lux* da illustração que convertendo os povos de pariaes do orgulho mahometano, em cidadãos illustrados, podesse ver aprofundadas nos seus costumes as raizes da civilização, que devia firmar por laços de amor e de affecto a conquista, e roborar uma religião augusta, que abraçava a todos como eguaes entre si deante do evangelho do crucificado.

Os sacerdotes que acompanharam os conquistadores para converter os povos, não só devem ser memorados como evangelizadores, que fundaram a religião de Christo, mas como promotores da emancipação moral do paiz, que deveu ao seu zelo e enthusiasmo a iniciativa que tão valente se mostrou para exaltar os povos á altura dos destinos, que lhes estavam reservados.

O que sômos, devemos em grande parte aos religiosos!

Os intuitos que presidem á confecção do presente bosquejo litterario de Góa, não nos deixam acompanhar as phases por que passou o nosso desenvolvimento intellectual, e limitam o empenho a historiar sómente, como e quando a nossa educação litteraria pôde chamar os filhos da India a escreverem e darem á estampa os seus pensamentos.

As primeiras publicações litterarias datam do seculo xvii; e versam sobre assumptos religiosos escriptos em lingua vernacula, para o conhecimento dos neophitos, que vinham purificar-se dos seus erros na piscina catholica, sem terem o estudo da lingua portugueza. Impressas na typographia da companhia de Jesus, que desde o seculo xvi estava montada em Góa, as publicações em lingua concani denunciam que os seus auctores, discipulos dos jesuitas, comprehendiam a portugueza, e

que a instrucção havia preparado os indigenas a discorrerem sobre a religião catholica, e a traduzirem fielmente do portuguez em coneani varias passagens da escriptura sagrada e noções de idéas theologicas, conhecidas com o nome de *purannas*.

É provavel que no tempo em que saíram á luz os livros destinados á evangelisação dos povos, algum conhecimento das sciencias e das letras se encontrasse em varios talentos; mas é innegavel, que rarissimos eram os que robustecidos nos estudos ousavam escrever ao publico em idioma portuguez. O pensamento não tinha o auxilio da expressão, comprimia-o na intelligencia dos filhos do estudo o desuso da lingua portugueza começado no trato da familia, continuado nas escólas e concluido nas locubrações litterarias feitas em lingua latina, familiar entre os mestres religiosos e os seus discipulos. O theologo entibiava em fallar o portuguez, o jurisconsulto não podia formular os arrasoados em termos faceis, o pregador lido em obras ecclesiasticas, mal podia recitar correctamente uma oração sacra em portuguez. A culpa era do tempo e não dos bons homens.

São por isso dobradamente dignos de attenção os escriptores que ao tempo que a generalidade se expressava em lingua vernacula, se esforçaram por dar aos seus pensamentos a expressão portugueza; e por tanto não podemos deixar de fallar com devido respeito de dois escriptores que nos fins do seculo xvii, e no principio do seculo xviii, deram á estampa cada um uma obra que ambas podem ser consideradas como marcos que assignalam a actividade intellectual das gerações preteritas. Estes escriptores são o padre Antonio João de Frias, que escreveu a *Aureola dos Indios e Nobiliarchia Bramincia*, impressa em Lisboa em 1700, e o padre Leonardo Reis, que escreveu o *Promptuario das definições indicas*, impresso em Lisboa em 1713. Dando de mão ás preemenencias absolutas da supremacia das castas, que trouxeram entretidos em infructiferas polemicas ambos os escriptores, não temos receio de errar, quando dissermos que os nossos velhos patricios educados nas escólas dos religiosos, revelam nos seus escriptos espirito de observação e erudição, as quaes se devemos lamentar fossem destinadas a investigações inuteis, devemos tambem folgar, que servissem de monumentos para testemunhar que lá nos tempos remotos havia entre os filhos da India, quem podesse escrever em portuguez, como havia quem ousasse ir até á capital do mundo catholico para estudar nos collegios da propaganda, e occupar cargos elevados de bispos e vigarios apostolicos.

O escriptor que segue aos padres Antonio João de Frias e Leonardo Paes, é padre Sebastião do Rego, varão prestante em letras, que encarregado de escrever a chronica da congregação do oratorio de S. Felippe Nery em Gôa, deixou compostas a *Vida do veneravel padre Joseph Vaz*, impressa em Lisboa em 1745, e a *Chronica da congregação*, obra monumental que contém noticias abundantes dos homens notaveis da mesma corporação. Corre ainda manuscripta esta obra, salva dos destroços, que a extincção do monacato da India fez ás bibliothecas dos religiosos, assim como correm pela maior parte manuscriptos os preciosos sermões recitados pelo esclarecido clerigo na côrte dos vice-reis e no gremio dos fidalgos de Gôa, os quaes revelam os dotes de orador sacro, que ornavam o padre Sebastião do Rego.

As investigações bibliographicas não descobrem nos seculos passados, e no principio do presente seculo outros escriptores, que não sejam os que deixamos apontados, e o padre Jacomo Gonsalves, illustre congregado do oratorio que escreveu a *Refutação das quatro seitas, Paganismo, Mourismo, Judaismo e Calvinismo*; e o progresso intellectual só se limita a apontar no campo de escriptores, alguns medicos exaltados a servidores do estado, que escreveram relatorios e noticias hygienicas, clerigos letrados que formularam alguns arrasoados da jurisprudencia ecclesiastica, jurisconsultos que redigiam libellos e rasões do fóro e pregadores que escreveram sermões, trabalhos estes que os seus auctores mal pensavam que um feliz acaso traria um dia a luz da publicidade por meio da imprensa como hoje está acontecendo a pouco e pouco.

Foi preciso que a liberdade se proclamasse em Gôa em 1821, e a typographia chegasse a dar á luz as leis constitucionaes, que nos deviam reger, abrindo campo a discussão livre e illustrada, para virem ao terreno da publicidade muitas pennas prestadias, que feneciam no ocio, as quaes accudindo na defesa das instituições e das suas crenças, deram ao principio tropeços inevitaveis, para se erguerem com o habito de escrever, firmes e seguras. Eram necessarias fontes onde podessem beber a pureza do estylo. Felizmente os barcos de vapor navegando pelo Mediterraneo e Mar Vermelho tendo encurtado as distancias que separavam a metropole da India, o gosto radicado a cultura das letras e a urgencia de ter ao lado mestres que regrasssem os nossos escriptores, trouxeram varios livros da Europa, convidaram os periodicos de Lisboa, e levaram muitos dos que aspiravam á gloria de escriptores, a ter trato com as obras escolhidas.

Divergindo os principios políticos, divergiram os seus orgãos entre si; e os nossos compatriotas vendo que a liberdade da imprensa se não era desassomburada em Góá, foram fundar periodicos em Bombaim, para onde convergia o brado dos filhos de Góá, fazendo-o repercutir o jornal, que sahia todas as semanas regularmente. Mais de um artigo nos deparam as folhas de Bombaim revelando o nosso progresso litterario; e mais de uma obra escripta em Góá e impressa em Bombaim, com quanto de dimensões acanhadas prova, que se muitas locubrações não vieram então ao dominio do publico é porque á falta de estímulo e ao receio de limitado numero de subscriptores, se juntava a pouca accessibilidade á imprensa ingleza, onde o proto mais habil no bretão do que no portuguez, estropiava os escriptos cuidadosamente passados a limpo.

O *pregoeiro da Liberdade* e a *Abelha de Bombaim* são notaveis, o primeiro pela linguagem facil e severidade da lingua, e o segundo pela veia caustica que distinguia o seu redactor. Varios folhetos filhos das paixões politicas dos homens das revoltas de 1821 a 1822 e 1835 vieram na India ingleza á luz da publicidade, e o curioso *Almanak de Góá de 1840* do douto padre Caetano João Peres, a *Gramatica da lingua Maratha* do sr. Felipe Nery Peres, e mais publicações foram dadas á estampa em Bombaim.

Mais felizes do que estes escriptores, os nossos patricios, a quem o mandato dos povos havia levado a metropole, encontraram typographias ao pé da porta, para publicar as suas obras, podendo nós mencionar Bernardo Peres da Silva, que publicou os seus *Dialogos sobre a constituição portugueza*, no Brazil, onde estava em 1832 emigrado por causa da sua adhesão á causa da liberdade, e Antonio Caetano Pacheco, que descido da cadeira da camara electiva, prestou como amigo dos povos da India, serviços ao paiz, publicando em 1848 o seu *Plano sobre a instrução publica em Góá*. Talentos distinctos robustecidos pelos estudos, a sua subida á cadeira do parlamento e o trato com os escriptores da mãe patria os tornaram notaveis, devisando-se nos seus escriptos elevação de idéas e de estylo, que se ganha com estricta familiaridade com os homens de letras.

A typographia nacional occupada ao principio em dar á luz as folhas officiaes do governo, prestou-se com o volver dos tempos aos serviços não officiaes. Depois do emminente ex-secretario Claudio Lagrange Monteiro de Barbuda, que disseminou pelo paiz muitas producções da sua habil penna, vulgarizando melhor o gosto das letras e o estylo, o primeiro filho da India,

que teve accesso aos prélos do governo, foi o sr. Felippe Nery Xavier, incansavel chronista das especialidades de Gôa, e varão encyclopedico que dedicou a sua vida ao estudo da historia do paiz. Começando com a publicação de folhinhas historicas e de reportorios das leis peculiares das velhas e novas conquistas, o sr. Xavier metteu hombros á historia de Gôa, e legou aos seus patricios noticias valiosas desenterradas dos archivos da secretaria de grande subsidio aos estudos da nossa India, e que sem o sr. Xavier com difficuldade seriam conhecidas do publico. Nomeado director da typographia, deu facilmente publicidade aos seus numerosos escriptos, cuja menção honrosa faz o sr. Innocencio Francisco da Silva, laborioso e erudito bibliophilo portuguez no tomo segundo do seu *Diccionario Bibliographico*.

Os esforços patrioticos do nosso respeitavel amigo o sr. Xavier em prol da historia patria, imitados pelo sr. Miguel Vicente de Abreu, cavalheiro estudioso que publicou a traducção do *Bosquejo historico de Gôa* do rio Colheneau, a *Noticia das nossas alterações politicas de 1821 e 1822* e os *Apontamentos biographicos do arcebispo D. Francisco Manuel de S. Galdinc*, publicações todas interessantes, attestando os labores litterarios do illustre patricio, que foram impressas na typographia nacional.

O sr. Felippe Nery Xavier já cansado de annos, ainda cultiva com reconhecido proveito a historia de Gôa, e conta dar ao publico as suas investigações sobre a numismatica e a inquisição, e os documentos da chamada rebellião dos Pintos de Bardes, que devem demonstrar a ficção da sublevação estudadamente inventada no seculo passado, e desafrontar o nome dos nossos patricios victimados em holocausto a resentimentos, que o tempo matou.—O sr. Miguel Vicente de Abreu ainda não satisfeito com o serviço prestado ao paiz, vai colligindo vantajosamente documentos historicos, e é provavel que um dia venha a campo trazendo em offerecimento ao paiz mais alguma obra.

Antes que viessem a lume os escriptos do Sr. Abreu, sahiram da imprensa nacional varias outras obras, sendo notaveis o *Livro das ceremonias religiosas* do sr. Padre Antonio José Nicolau Barreto, as *grammaticas da lingua franceza* dos professores os srs. Francisco Gonçalves Ferreira e Padre Francisco Xavier dos Santos Vaz, e mais alguns folhetos, e jornaes politicos e litterarios. Da imprensa nacional sairam tambem alguns escriptos, que disputaram sobre os direitos das corporações agricolas, e que foram o indicio do progresso, que se resentia no campo do estudo. O publico se entreteve por algum tempo com a leitura d'essas polemicas, onde por entre argumentos e razões escapavam

termos agros, filhos do resentimento dos contendores, em cujas fileiras militavam em posição avançada o sr. Philippe Nery Xavier com a *Defeza das Communidades*, o sr. Joaquim Bernardino Catão da Costa com o *Triumpho da verdade*, e o sr. Francisco Luiz Gomes com os seus *Appensos ao Boletim*.

Cessadas estas discussões, o *Boletim* e a *Abelha de Bombaim* eram as unicas publicações periodicas, que corriam de porta a porta, e mal podiam satisfazer os desejos dos leitores. A tendencia pela leitura era pronunciada, o periodico de Bombaim era devorado em um momento, e os seus artigos de fundo e as correspondencias escriptas sob o influxo da politica d'um partido provocando a attenção de todos, traziam satisfação ao gremio que se accommodava como jornal, e descontentamento a outro, que se mortificava por não ter um periodico, orgão das suas idéas, que pudesse rebater a doutrina adversa, que tinha toda a publicidade. O habito da leitura nascido do estudo das obras e recrudescido pelas exigencias inexoraveis do progresso, requeria a multiplicação dos jornaes: o habito de escrever ganho pelos pequenos ensaios feitos occultamente e submittidos á critica do publico á socapa, exigia que além da imprensa nacional se montassem em Góa typographias particulares, que pudessem dar livre curso ás idéas. Os projectos tentados para a satisfação d'este progresso não tinham força sufficiente para irem avante; e os desejos de mais de um patricio de fundar estabelecimentos typographicos, constantemente malogrados, mostravam que faltavam a robustez da vontade e a perseverança, que domam todos os obstaculos e superam todas as difficuldades.

Estes obstaculos, estas difficuldades apostadas a suffocar o brado das nossas aspirações, caíram vencidas diante dos esforços de um nosso presado amigo, cuja dedicação patriotica é tão extremada, que uma duzia de homens tão laboriosos e emprehedores como elle bastaria para fazer adiantar muito o paiz. O sr. Bernardo Francisco da Costa, que todos conhecem na India e na metropole pela distincta posição que occupou no parlamento, como mandatario dos povos da India, depois de fortificar as suas tendencias regeneradoras no gremio das illustrações de Portugal e nos theatros da alta politica, calculou que um dos fundamentos do progresso do paiz era a introduccão da imprensa, e voltando á patria não descançou sem que visse montada uma typographia, e fundado n'ella o jornal o *Ultramar*. Gregos e troyanos saudaram o novo jornal, que pela primeira vez vinha á luz de ao pé da porta, e promptas subscri-

pções vieram acolher o periodico que devia trazer alimento aos leitores, que anciavam pela discussão quitediana da imprensa, onde tivessem accesso todos os partidos, todas as cores, todas as intelligencias.

Publicados os primeiros numeros do *Ultramar*, que franqueava as suas columnas a todos os filhos da India, uma pleiade de correspondentes veio apresentar ao publico as suas primicias litterarias, e tantas e tão variadas producções saíram das suas pennas, que por pouco faltou, que o numero das correspondencias tomando espaço no jornal, deixasse o redactor fóra da porta. Folgava o illustre fundador da imprensa, que a sua iniciativa jornalística despertasse os correspondentes, ha tanto tempo condemnados ao entorpecimento, e acolhia todos quantos lhe chegavam, saudando-os com uma mão e recebendo os artigos com a outra. Queria o incremento do desenvolvimento intellectual, e sabia por experiencia, que provando todos os correspondentes as suas forças na arte de escrever, e passando pela satisfação de verem pela vez primeira os seus artigos em letra redonda, os que tivessem forças para sustentar a marcha, haviam de continuar, e ser uteis a si e á patria; os que eram pouco habilitados haviam de esforçar-se em aparar melhor as suas pennas com o habito ganho á sua propria custa; e os que conhecessem, que Deus não os chamava pelo caminho do jornalismo, haviam de mudar espontaneamente de rumo.

Assim succedeu.

O *Ultramar* foi a pedra de toque, onde se aquilitavam o gosto e a tendencia de muitos nossos patricios, que agora não temem escrever longos artigos, e entrar em posição avançada nas pugnas do jornalismo, sustentando impavidos a discussão e as refregas da luta. O *Ultramar* foi o patriarcha dos jornaes de Gôa que successivamente se fundaram em novas typographias, e devem-lhe todos o nascimento que não teriam, se superados os obstaculos não fosse aberto o caminho, por onde pudessem passar novas typographias e vir a lume quantos jornaes quizessem. O *Ultramar* foi o templo, e pelo seu adito saíram os escriptores, que provando as suas forças no jornalismo, foram provadas na tentativa das obras de diversos intuitos. O *Ultramar* foi o *forum*, em cuja imprensa vieram os nossos talentos já encanecidos pedir publicidade ás suas obras, que ficavam no olvido por causa das difficuldades da impressão.

Hoje o movimento jornalístico tem assumido notaveis proporções e tem-se tornado o alimento de primeira necessidade no paiz, impossivel de ser substituido por outro. A discussão

e controversia quotidianas sobre os negocios publicos tem por seus arautos o *Ultramar*, a *India Portugueza*, a *Aurora de Góa*, a *Harmonia* e a *Sentinella da liberdade*, representando cada qual a feição politica e os intuitos dos seus redactores, tornando-se o echo dos queixumes dos povos e das defezas governamentaes, e o brado das aspirações cada vez tão crescentes, que os leitores ainda não satisfeitos de tanto movimento começam por pedir ao redactor do *Ultramar* maior formato ao seu semanario e a sua publicação bihebdomadaria.

A philosophia e a arte de prégar a palavra sagrada tem vindo a lume em obras publicadas pelos professores o sr. Padre Miguel Filippe de Quadros e o sr. Padre Antonio José Nicolau Barreto. A sciencia theologica vae saindo á luz em tratados impressos pelo Professor o sr. Padre Domingos Salvador Marinho da Silva. Os srs. Augusto Estanislau Xavier Soares, Justiniano Augusto da Piedade Barreto e Antonio Anastacio Bruto da Costa tem publicado, o primeiro os seus estudos sobre a jurisprudencia, o segundo a synopse das leis, que vigoram nos dominios portuguezes, e o terceiro o summario das leis especiaes de Góa.

O sr. Manoel Joaquim da Costa Campos vae publicando as suas poesias e as tentativas de alguns romances. O sr. Padre José Paulo Diniz, residente hoje em Lisboa, acaba de offerecer á mocidade a sua *Grammatica* da lingua portugueza, em que é professo. O sr. Julio Frederico Gonsalves, joven de esperanças, brindou os seus patricios com o *Ensaio Historico de Portugal*, e começou a publicar um jornal litterario *Illustração Goana*, destinada a dar noticias biographicas dos nossos homens notaveis.

Os kalendarios que os nossos maiores iam examinar com os que levados de curiosidade formavam taboas annuarias manuscritas, ou comprar aos congregados do oratorio de Felippe Nery, que eram os unicos, que traziam nos impressos de Lisboa, esses kalendarios feitos em fórma de folhinhas historicas e de almanaks de lembranças, são numerosos, e andam nas mãos de todas as classes e de todas as idades. Os cavalheiros que disseminam pelo povo esses curiosos amalectos, são os srs. Piedade Custodio Pinto, Manoel Joaquim da Costa Campos, Felippe Nery Xavier Junior, José Pedro da Silva Gampos e Oliveira, João Miguel do Rosario Gomes e Aleixo Mariano de Souza.

Os compatriotas que vivem fóra da terra, que os viu nascer, uns educados e instruidos na India e outros instruidos nas universidades e academias da Europa e America, teem dado á luz producções, que honram os seus conhecimentos, e legam glo-

ria ao paiz. O Dr. Isidoro Emilio Baptista já fallecido deixou escriptos varios artigos no *Archivo Rural* de que foi collaborador; o sr. Dr. Agostinho Vicente Lourenço, familiar com os homens doutos de França e de Alemanha, publicou a sua dissertação sobre o glicol. O sr. Custodio Luiz de Miranda, doutor em medicina formado na universidade do Rio de Janeiro, offereceu aos seus amigos do Brasil opusculos sobre o tratamento da cholera-morbus. O sr. Padre Francisco Sant'Anna da Costa, conego illustrado, ha pouco fallecido em Macau, publicou o seu compendio sobre a geographia. O sr. Dr. Lucio Augusto da Silva, medico prestimoso, que serve o lugar de Cirurgiãomór em Macau, escreveu um opusculo sobre cemiterios e outras obras da sua profissão. O sr. deputado Francisco Luiz Gomes, que tanto honra a tribuna e a imprensa deu á luz o folheto em francez sobre a cultura do algodão em Angola optimamente accollido em França, o opusculo sobre a agricultura em Góa, e os apontamentos da vida dos brigadeiros Henrique Carlos Henriques e Joaquim José Xavier Henriques.

Não fallaremos dos resumões de diversas obras, das compilações de alguns escriptos, das notas de varios livros, feitas hoje em Góa, e que revelam os labores litterarios dos seus editores; como o lisongeiro accollimento que a nenhuma obra falta, revela o gosto á leitura innoculado no animo da nossa sociedade, que ha de preparar para o futuro grande numero de escriptores, a quem está reservada a gloria de acabar com os vicios patrios, que se resentem nos nossos escriptos, e que os mestres classicos do portuguez condemnam inexoravelmente.

Destituído de talentos e reconhecidamente humilde para fazermos côro com os escriptores habeis, começamos por offerecer os nossos limitados prestimos em serviço ao paiz, dando á luz uma obra, que possa servir de subsidio á historia, com o titulo de *Quadros historicos de Góa*, cujos dois primeiros tomos que saíram á luz foram obsequiosamente accollidos pelo publico. Confiado no apoio dos que pões as letras e desejam o seu incremento em Góa, contamos, se Deus permittir, levar a cabo algumas outras publicações destinadas a historiar as cousas patrias.

Do progresso litterario, que se nota em Góa, e do futuro brilhante que está por vir, a gloria cabe á mãipatria, que nos ensinou tudo quanto sabemos, e repartiu connosco irmamente todos os seus foros e immunidades, e por isso confiadamente esperamos, que não ha de haver irmão nenhum da metropole, que lendo estas mal traçadas linhas não folgue ao sa-

ber, que a terra dos Albuquerque e dos Castros tresentos e cincoenta annos depois da conquista caminha para o progresso, filho da civilisação, lançada em boa hora pelos antigos portuguezes, e fecundada pelos seus generosos successores.

Honra-se a metropole honrando-se as colonias. Honram-se as colonias honrando a metropole.

Goa (Margão) 20 de dezembro de 1864,

J. C. BARRETO MIRANDA.

A ÚLTIMA GARGALHADA DE MEPHISTOPHELES

POEMA

I

Silencio de uma noite estrellada e escura. — Vigilia.

O Poeta

Que noite ! oh erma alampada,
Oh muda confidente,
À tua luz tão palida
Esta alma geme, sente.

Pois como a mariposa
A tua luz não ama ?
Assim a alma se abraza
Do amor na eterna chamma !
Eil-as, milhões d'estrellas
Bordando a immensidade ;
Oh, quem sosinho ao vel-as
Scismar, sentir não hade ?
Levadas mansamente
Na onda que as envia,
Vaga no espaço a mente
Absôrta na harmonia.
Quem sabe os mil segredos
Das lubricas esphas ?
Ou ler a côr das eras
No musgo dos fragedos ?
O pensamento altivo

Se eleva a Deos, não pára !
Domina a tempestade,
Escuta o côro estranho
De espiritos rebeldes !
Vê despenhar-se a rocha
Ferida pelo raio ;
E a flor que desabroxa
À luz do sol de maio.
Ouve o cedro que verga,
E o vento que bafurda,
E a onça que se alverga
Na furna escura, surda !
Escuta o mar que ruge
Na voz de ao longe e ao perto ;
E a chuva que restruge,
E a mudez do dezerto !
E vê baquear em terra
Os idolos das gentes ;
E o clarim que aterra
Os esquadrões frementes !
E vòa a toda a parte
No raio d'essa luz ;
Dá fórma ao sonho — é a Arte,
A vida em si traduz.

Só elle se remonta,
Prescruta o fundo abysmo,
Abrange a immensidade,
Afunda-se no vacuo ;
Aspira, e a eterna sêde
É agnia que o devora !
Que importe a argila fragil ?
Não ser eu mais do que homem
A quem persegue a neve,
A gelida nortada,
A duvida, a agonia !

Que noite ! oh erma alampada,
Oh muda confidente,
À tua luz tão palida,
Esta alma geme, sente.

Tempestade nocturna e violenta. — Rimbombam a espaços os trovões.
— Escuridão absoluta.

Psalmo do incredulo

Oh, quem és tu, a cuja vista os montes
Nos fundamentos firmes estremecem,
E te invocam por Deos?
Que trazes sob os pés redemoínhos
De nuvens, de um palor caliginoso,
Nas azas de escarceus?

Que das narinas fumo espesso de ira,
De indignação exhalas, e na bocca
Tens vulcão que incendeia?
Cuja voz são trovões que o mundo atrôam,
Cujos olhos são relampago frequente,
Que pelo ar volteia?

Que tens por setas raios que se cruzam
Nos espaços, fendendo com assombro
Horriavelmente os céos?
Alegra-te, oh mortal! o teu repouso
Não o perturba o estrépito medonho,
Não existe esse Deus!

Sim, o meu Deus é outro! eu o contemplo
No fundo de minha alma quando exulto,
E sinto-o todo amor!
No canto da avesinha, ao vir do dia,
No ciciar da brisa, ao fim da tarde,
Eu te adoro Senhor!

Nos perfumes da flor, que o prado esmalta,
No deslizar da fonte que suspira,
Contemplo o teu poder!
No orvalho matinal, no ardor da sesta,
E no quebrar da vaga, que o sol doira,
Apprendo mais a crêr!

As nuvens poisam sobre
O pincaro do monte,
Estreita-se o horisonte,
E a noite tudo cobre.

Mergulho-me nas trevas
Da noite, e absorto scismo!
E ás bordas do abysmo,
Oh alma, mais te elevas!

Ai, contra Deus meu braço,
Meu braço é fraco, inerme;
Fulmina o ignoto verme,
Ajax, pois te ameaço!

Não sei dizer que sinto
Ao vel-a orar constricta,
Assim *bianco vestita*,
Do templo no recinto.

Mephistopheles apparece

Que mais queres de mim? não te hei rasgado
O veu do templo? Pede! O que?

O poeta

Mais mundos!

Mephistopheles

Arreatado em espirito, até onde
Não tens ido? Tocaste na Arca Santa,
E o sagrado terror não te fulmina!
Revelei-te a Arte nua em seus encantos,
Não te deu ella o beijo mais lascivo?
Queres agora a purpura do genio?
A tunica inconsutil onde jogam
O teu porvir — a duvida, a desgraça?

O poeta

Não quero! dá-me o tel-a entre meus braços.

Mephistopheles

Tu, que és rei na altivez da intelligencia,
 Igual a Deus, e creador, me evocas
 Do barathro infernal para servir-te;
 Quando podes fazer surgir do abysmo
 D'essa imaginação escandecida,
 Um typo ideal, o teu amor! Poeta,
 Cae sobre ti da inspiração o orvalho;
 Deixa que as cordas da harpa mysteriosa
 Percorra o teu delirio. Á terra a fronte
 Curva, adorando a criação brilhante,
 Como ante a Galathêa o artista grego.
 Hade o mundo imitar-te! achar um nume
 Em ti, ao ver uma Eva mais perfeita;
 Já te mostrei Helena, Dido e Sapho,
 Almas errantes, soltas, confundidas
 Na penumbra do mundo antigo! Enlaça
 Com o cinto das graças a poesia,
 O amor, a infancia, e a belleza,
 Se não hade invejar Deus igual obra!

O poeta

Faltas ao pacto nosso!

Ouve-se uma gargalhada fria

Mephistopheles

Insaciavel,

A sede do infinito te devora!
 O prazer, a sciencia do passado,
 O livro do futuro, o absoluto,
 Ante os teus olhos pavidos puz tudo!
 Queria que cahindo me adorasses.
 Hoje cansado da existencia aëria,
 Saturado do esplendido banquete,

Em que tu és o abutre e o cordeiro,
 Revoltas-te! Descrês da minha força,
 Desprezas-me, como uma vã chimera!

Os relampagos fuzilam. — Vozes confuzas como de uma orchestra remota.

Ah, como o nosso pacto inda recordas!
 Eu rompo as cataractas do empyreo,
 Mergulho-te na enchente da poesia,
 Que me pedes?

O poeta

Não sei! O que te peço?

Oh, deixa os pobres reis vergando ao pezo
 Das aureas corôas que os apertam;
 Aos bravos, deixa aos bravos seus triumphos,
 Aos sacerdotes o altar, o embuste,
 Aos Deuses os seus frívolos terrores!
 Não quero d'isso nada! Que o Calipha,
 Embalado nos sonhos do propheta,
 Beba a volupia das huris nos braços!
 Que aos cortezãos devassos as entranhas
 Retalhe o amfião de perfidos amores;
 Oh para mim só a Mulher! Não quero!
 Dá-me o real, o real; o vel-a, como
 Na primeira manhã do paraizo,
 Timida assim, falando face a face
 Ante Jehová tremendo! presentindo
 Um regosijo immenso, em que antevia
 No futuro a progenie indefinida,
 Na cadeia dos seres, elevar-se
 Até ao ceu, d'onde ha cahido...

Mephistopheles

É muito.

O poeta

Eu quero erguer-lhe o véo d'essa candura,
 Mas não é para mim! beber-lhe o riso,
 Trespasar-me do olhar mais vehemente,
 Extasiar-me com falas pequeninas,

Fazel-a ideal, e dal-a á humanidade.
 Prometheu ! Prometheu ! não póde a argila
 Palpitar sem o fogo que se rouba ;
 Embora a algema dura me una á rocha,
 Á carne, com que o Verbo se faz homem !
 Erga-se esta aguia, que me rõe faminta
 Sobre o gélido leito de granito !

A tempestade rebenta com mais ruido. — O furacão imita um coro
 ominoso. — A alampada extingue-se. — Trevas visiveis.

Mephistopheles

Tudo te dou ! Consume-se este pacto !
 Quantos annos me dás da tua vida ?
 Bem vês, é muito !

O poeta

Eu dou-te os que me restam...

Ouve-se um concerto alegre e frenetico de espiritos das trevas

II

Mephistopheles leva Goethe, o poeta, mostra-lhe Frederica, uma
 donzella pura, arrebatadora, para ver se a ama.

Mephistopheles

Se a visses á janella
 Cuidando em seu bordado !
 Pudesses, como eu, vel-a
 De traz do cortinado !

Se a visses pensativa
 Com a mão firmada ao rosto ;
 Ingenua sensitiva,
 Que é languida ao sol posto !

Quando modula ás vezes
 Uma aria favorita ;
 Se um dia em muitos mezes
 É palida e afflicta !

E os anneis dispersos
De nitido cabelo!
O seio, o mais que em versos
Não pôdes tu dizel-o!...

Se visses isto tudo,
N'um hymineo de graças,
Ficáras, talvez, mudo;
Mas — olhas, ris, e passas.

E quando meia occulta,
Com magico recato,
No véo a mão lhe avulta
Amaciando o gato!

Ou quando ao vir da aurora,
Em alva toalha envolta,
Ao espelho se namora,
E olhar lascivo solta!

O Poeta

Eu amo-a muito, muito,
E então n'esses momentos
A mim mesmo pergunto
Quaes são meus pensamentos?

Mephistopheles

E se á janella, triste,
Vem pôr sua gaiola;
Se vem deitar alpiste
No comedouro á rôla?

O Poeta

Aí rôla, quem pudesse
Gosar os teus carinhos;
Que a vida me parece
Um thalamo de espinhos.

Mephistopheles mostrando-a:

Cativa a pobre arrulha

Com peito á angustia dado!
E a dona move a agulha
No lépido bordado!

O Poeta vendo Frederica:

Eu vejo-a, sempre esquiva,
A angelica visinha!
Ai, dor, a alma é cativa
Talvez mais que a avesinha.

Vai caindo a tarde lentamente; diz o Poeta para Mephistopheles

O cyclope do dia
No espaço a luz entorna,
Como um martello espalha
Faiscas da bigorna.

Da noite na mortalha
Se envolve o moribundo,
Thuribulo que arde,
E em trevas deixa o mundo.

E quando o sol á tarde
Dardeja além na serra,
Parece o ingente dedo,
Que impõe silencio á terra!

Esta hora é do segredo
Que as trevas me vem dar,
Tambem é da ardentia
Se está sereno o mar!

Amor, melancholia
Inspira sempre esta hora,
Poís a costura, n'ella,
Deixais tambem senhora.

E vindes á janella
Radiante de candura,
Como a primeira estrellla
Do ceu em noite escura!

Mephistopheles leva o poeta para ver Frederica; está costurando distraída.— O seu gato brinca junto d'ella.

O Poeta

Quando á tarde te assentas á janella
A costurar,
Sobre a cassa a mãosinha, alva como ella,
Deixas mirar!

Como brinca o teu gato! é gosto vel-o
Brincar assim!
Se do regaço teu cae o novello,
Com frenesim,

Elle o toma e o lança pela esteira;
Depois... (com dor
Cuido ao vel-o brincar d'essa maneira
Ver nosso amor;)

Por que, abrazado n'esta ardente sêde,
Pedem meus ais
Um pingo d'agua! e a rir me dizes — vêde,
E escondes mais.

Ainda ao gato de Frederica; Mephistopheles está ao fundo. O poeta:

Gosto de vel-o, com fingido somno
Todo ás caricias que lhe faço, alheio;
Vel-o deitar-se, como ao abandono
Sobre meu collo e conchegar-se ao seio.

Gosto de vel-o no jardim correndo
Leve apoz ave que fugio ao vel-o;
Quando deitado ao sol que vem nascendo,
Lambe, amacia o variegado pello.

Sempre brincando, quando o sol é nado,
Não pára ao menos, quando o sol definha,
Dando lições d'amor sobre o telhado,
Lá no casal da magica vizinha.

Mephistopheles leva o poeta ao eirado de Frederica,
que o espera anciosa

O Poeta entra no quarto e vendo-a adormecida:

Que noite e que sitio! nas horas remotas
Do vago silencio, do meigo luar,
Nem d'Ossian a virgem nas praias ignotas,
De fórmãs mais brancas, que a espuma do mar:

Dormia tranquilla,
Scismando talvez!
E vinha tingil-a
Mortal palidez.

O vento de subito as nuvens espessas
Da face da lua dispersa no ceu!
Eu via, lembraram-me as nossas promessas,
Ao vér alvos seios a arfar sob o veu.

Sorrindo n'essa hora
Diria tambem:
— Tão longa demora;
Tão tarde, não vem?

Não quiz acordal-a! quem ha que desperte
Um anjo esquecido dos ceus por amor?
Mas eis se alevanta, vai languida, inerte,
Cendal branco, longo, lhe occulta o palor.

E as fórmãs! nas dobras do véo transparente,
Destacam-se, ostentam-me incertos perfis!
Vai linda, ao piano, sentar-se indolente,
Dedilha frenetica, a nota amor diz!

Quaes d'harpa os sons vagam
Nas mudas soidões,
Minha alma embriagam
Fataes tentações!

Fascina-me o abysmo! que importa? a meu lado
Se auréola angelica a vem defender!

Sentada ao piano percorre o teclado,
E os sons, hora e sitio me fazem perder.

Nos braços a aperto,
Magnetico ardor;
Mas novo concerto
Se escuta, é de amor!

Que noite ligeira! rebenta-me a corda
Cantando o delirio da ingenua vestal;
Aperto-a nos braços, sonambula acorda,
Sorri-se, e em meus braços se inclina a final.

III

O Poeta recebendo o beijo de Frederica:

Mulher por que amas tanto? quem te obriga
A depôr a meus pés tua innocencia?
És a flôr, que se esvai toda em perfumes,
E que ao calor da sesta se emmurchece.
Não me beijas assim! eu sou de neve,
Sou idolo de bronze, altar sangrento,
O holocausto sagrado não me abranda.
Sou o olympico nume e tu Seméle!
Tenho medo de amar-te! é impossivel,
Inferno! Pois que sinto? o que me agita,
Vendo-te a mim tão candida enlaçada,
Como hera no rochedo! Se entendessés
Que mysterios sombrios ha cá dentro,
Esta brutal frieza perdoáras!

Mephistopheles apparecendo, e em segredo:

Poeta! se na mente altiva formas
Dois typos ideaes, tens na tua alma
Tanto amor para dar-lhes! tanto fogo!
Oh salva essa donzella! uma palavra,
Nem isso? um beijo só, que ao ceu a eleve!
Não lhe acceitas o osculo mavioso?
Dou-te d'Hamlet a mascara, afivela-a,
Deixa sonhar Ophelia em seu delirio.

Goethe voltando a face á donzella, para responder a *Mephistopheles*. *Frederica* julga-se desprezada e desfallece.

Deixa-me ! és tu culpado do assassinio.
 Dêste-me azas tão frageis para erguer-me,
 Ao remontar-me achei-me solitario
 Na solidão do espaço. Ia subindo
 Fez-me a luz baquear na espessa treva.
 Prescruto o abysmo sempre, e lá no fundo
 Sempre o nada a final ! Foste malvado,
 Deixando-me tocar ouzado o pômo
 Vedado da sciencia ! Cada instante
 Que avança ou retrocedo — só e triste
 Me encontro em toda a parte.

Mephistopheles rindo

É esse o enigma !
 Passaste, ao enconral-o indecifrável
 Ias andando, e devorou-te a sphinge !

Baqueas, pobre athleta !
 A dor teu peito esmaga ?
 Mas diz voz solta e vaga :
 — Levanta-te ! és poeta.

THEOPHILO BRAGA.

CHRONICA DO MEZ



unca comprehendi que gosto pôde achar um particular honesto, que viveu bem durante o anno com a sua familia, fez excellente visinhança, trouxe as suas contas em regra, descontou por um preço razoavel, e casou duas sobrinhas que possuia com sujeitos estabelecidos, em ir pular uma noite inteira, ás escondidas dos seus amigos, em simples trage de macaco ?

Nos paizes em que as festas do carnaval symbolisam a embriaguez da mocidade e do amor, é comprehensivel que se registrem na chronica do mez de entrudo esses fastos gloriosos da lou-

cura humana ; mas em Portugal onde uma tacita convenção nões obriga a acharmos graça aos ditos tantas vezes insipidos ou grosseiros que se guincham por estas occasiões, é realmente um prazer

questionavel passar a noite em semelhante folia sem ter ordenado nem gratificação para tomar parte no divertimento, como os porteiros ou o homem que guarda os paletots.

Lisboa fica ridicula... quando se diverte. Na pachorrenta existencia em que passa o anno, é toleravel; os paes são sisudos, os maridos virtuosos, as meninas castas, e as esposas innocentes; a mais suave athmosphera de honestidade e morigeração embriaga o espirito d'este povo; a mãe permittirá a sua filha... habitar este paiz; o burguez é estimado, os ministros sinceros, as actrizes recatadas, e os agiotas condescendentes. Caminha tudo á sombra de uma insipidez auctorizada. Os estrangeiros sabendo quanto se dorme bem em Portugal veem aqui dormir de vez em quando; isto percebe-se, e tem vantagens nacionaes!

Quando, porém, chega esta memoravel época do carnaval, é uma afflicção ver accordar Lisboa para andar por ahi tres dias aos tombos a cair de somno! Parecem todos poetas, á força de serem melancholicos. Ao vê-los nos bailes de mascaras, taciturnos, emproados, gravemente insipidos com ares de meditadores pomposos, está uma pessoa a ponto de os tomar por collegas do visionario da fabula de Skiler, que chegaram tarde á partilha da terra e em quanto se dividem os quinhões vão entretendo-se em contemplar a augusta face de Jupiter e a grandiosa sobranceira com que elle embrulha o mundo em a franzindo!

Não, poetas, não são elles. Mas, ricos e felizes, distrahidos e independentes, vivendo como senhores, e tendo cinco cavallos na cocheira, para que imitam o ar triste dos que só teem o Pégaso, pobre rocinante allegorico, que não serve para a sela e conduziria mediocrementemente um tilbury! O que fizeram elles, por fim de tudo, para terem o direito de serem tão soberanamente sensaborões n'um carnaval? Estão arruinados pela segunda vez, morreu-lhes a noiva, conserva-se-lhes impiamente fiel a amante, sentem-se com um poema na cabeça, uma mulher no coração, um credor ás costas? Nada d'isto. Vivem socegados e felizes, e falta-lhes alguma coisa para serem poetas — porque teem tudo. Comem, bebem, divertem-se, e passeiam gloriosos com um dominó pelo braço, mostrando ao mundo que são felizes. Mas, como o dominó falla! Mas, o que o dominó diz! Ou antes o que o dominó não diz! A mascara não faz o monge; a mascara é espirituosa ás vezes: mas, regra geral, entre nós, o mascara é tolo!

— De que estás tu vestido que tão bonito ficas? diz um mascara a outro.

— De Luiz xv!

— Elegante costume. De que reinado é?

Este anno, ao menos, para estabelecer lucta entre os bailes de S. Carlos e os de D. Maria, duas sociedades de mancebos, duas companhias de iniciadores, duas empresas de ratice, propozeram-se a combate leal durante tres récitas; em S. Carlos, os Japonezes, Columela, a descida pela mangueira, e a parodia dos artistas da companhia lyrica; em D. Maria, os caixotes com bailarinas, dirigidas a Francisco Palha com a qualificação de *très fragiles*, a exposição do Porto e a companhia dramatica regressando da cidade eterna. Faça-se justiça, estas mascaradas foram verdadeiramente risonhas, e pela idéa, pela caracterisação, e pelos chistes, salvaram do esquecimento este carnaval.

Pelo que respeita a aventuras, desconfio que foi fraca a colheita este anno, e parece-me que os rapazes de Lisboa estão em crise como os ministros; chegou-lhes a hora da retirada, já olham para toda aquella camara-optica sem sobresalto, sem desejos e sem prazer: o caso vae mal; parece haver chegado o momento penoso em que não ha remedio senão uma pessoa convencionar consigo mesma que se ainda hoje é amavel, já amanhã não poderá senão amar, e que é a hora de emprehender a sua ultima conquista de baile de mascaradas. Ainda o olhar lhe conserva chamma, os cabellos teem o aspecto sufficientemente preto, mas a palpebra vae descendo e occultando o brilho dos olhos, a fiandeira invisivel vae-lhe presenteando a cabeça com os seus fios prateados, primeiro trama do sudario, e se o coração não acompanhar a lenta degradação do corpo fica o sujeito reduzido a velho janota, lacrau amoroso, que belisca com ternura o braço ás mascaradas, situação que se considera comica para não confessar quanto tem de tragica!

E tambem, diga-se em desculpa da gravidade monotona da nossa gente nos bailes de carnaval, tem em grande parte a culpa da falta de alegria dos bailes de mascaradas a moda de assistirem as familias em camarote á folia da salla. Aos bailes da Opera de Paris não assiste uma só senhora sem mascara, e comprehende-se bem o que ha de caustico para a mocidade em não poder divertir-se com toda a sem-serimonia da loucura carnavalesca, e vêr de todos os lados, em redor de si, por cima de si, nas frizas e nas primeiras ordens, familias e familias das suas relações — porque em Lisboa toda a gente se conhece e se trata — que olham para elle com escrupulosa attenção e com todos os gestos de o estarem inspeccionando!

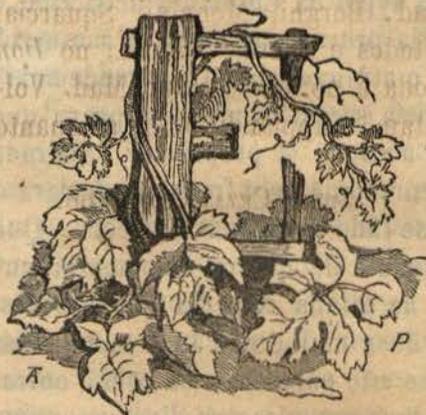
Durante todo o mez houve uma verdadeira *rage* de bailes; contando-se um entre elles que marcou epocha e deixou para muito tempo impressões saudosas e profundas, — o dos srs. condes de Penafiel. Não nos esqueça porém registrar, pelo seu character artistico, a bella *soirée* do sr. Paiva Pereira, que entre outros attractivos nos offere-

ceu occasião de escutarmos o canto largo e inspirado da ex.^{ma} sr.^a D. Cecilia Oneil na *Collombe*, lindissimo *romance*, quasi uma *aria*, em que brilharam todos os recursos da sua voz admiravel, e uma excellente peça sobre a *Somnambula* para violoncello e pianno pelos srs. Eugenio Lauvinet e Antonio Cardoso Avelino, amadores distinctissimos, dotados do melhor talento e do melhor gosto musical; uma graciosissima festa.

No theatro de S. Carlos, *Anna Bolena*, *Ballo in maschera*, *Barbiero*, e *Don Pasquale*. Que variado e lindissimo repertorio! E como seria facil encher paginas e paginas d'esta chronica dissertando sobre cada uma d'essas magnificas partituras, que symbolisam de alguma fórma a flôr do talento da flôr dos *maestros*, — Rossini, Donisetti, e Verdi! Sejam os concisos: *Anna Bolena* por Mad. Borghi, Mongini, e Junca, é a opera mais bem cantada d'esta epocha; *Ballo in maschera*, por Mad. Volpini, Mad. Bianchi, Mongini e Squarcia, é talvez a mais applaudida, — o que prova que a mais applaudida não é sempre a mais bem cantada; no *Barbiero*, por Mad. Borghi, Mongini, Squarcia, Toppai, e Junca, ha que festejar todos e tolerar Toppai; no *Don Pasquale*, ha duas coisas a fazer toda a noite, — escutar Mad. Volpini e Squarcia emquanto elles cantam, e applaudil-os.... emquanto Toppai cantar!

JULIO CEZAR MACHADO.

CHRONICA BIBLIOGRAPHICA



ncetarei esta chronica aventurando algumas leves considerações sobre a critica litteraria geralmente exercida entre nós. Fóra de lugar, será; mas fóra de proposito não é, porque ainda não vimos epocha mais fertil em criticos, ou antes em critiqueros, do que a actual. É uma nova praga como a do Egypto. A differença reduz-se a que estes novos mosquitos só zumbem e não mordem. Eis

tambem a razão porque se deixam zumbir impunemente.

Hoje quasi todos se estreiam mestres. Ao ler-se, pela primeira vez, um nome nas columnas de um jornal, lê-se tambem uma lição, e uma lição de arte! Os aristarchos brotam espontanea e naturalmente na imprensa como os cardos no monte. Que admira? Se uns vegetam sem cultivacão porque não hão de vegetar os outros?

Uma chusma d'estes critiqueros escolheu-me ultimamente para alvo dos seus inoffensivos ataques. Cumpria-me não fazer caso, e não fiz. Para eu ficar vingado bastava-me que os lessem. Agora, porém, na vanguarda dos meus detractores surge um nome conhecido litterariamente: é o nome do sr. Andrade Ferreira. Agradeço-lhe a resolução. Tenho, finalmente, um adversario.

Não me surpreendeu todavia, o artigo; já o esperava. Diz o sr. Andrade Ferreira, que, ha muito tempo o instigava o desejo de escrever alguma coisa, mais por extenso, sobre as minhas producções

dramaticas. Aquelle «ha muito tempo» tem uma data pouco distante, que me era facil precisar. Mas para que? Não val a pena. Que o unico empenho do *imparcial* escriptor era deprimir-me, vê-se claramente no artigo. E será justificado o motivo que o levou a isso? talvez. Ora estes accessos de severidade para comigo são periodicos no sr. Andrade Ferreira. A largos espaços, tem-me honrado com tres ou quatro verrinas, brindando-me nos intervallos d'estas, com alguns louvores? o que inspiraria os louvores? o que inspiraria as verrinas? A consciencia, pois que havia de ser senão a consciencia!

A critica applicada pelo sr. Andrade Ferreira ao meu repertorio pôde ser applicada ao repertorio de todo e qualquer auctor. O intuito ali é sómente condemnar. A má fé transparece nas insinuações vagas e nas falsas comparações. Na analyse simulada dos *Diffamadores*, desmascara-se completamente o critico de *ocasião*. Tudo o que elle diz se desfaz por si mesmo. Mais triste argumentação, ainda não vi. Para que desenhou os typos da *Calumnia* de Scribe, e os typos dos *Diffamadores*, se queria provar que eram os mesmos? Não vê que esses mesmos desenhos o atraçoaram? Quiz condemnar-me e justificou-me. Os typos que dizia serem os mesmos, prova que são inteiramente outros. Quanto a acção é o proprio sr. Andrade Ferreira, que, depois de esboçar o enredo da peça franceza, declara o seguinte: «Nos *Diffamadores*, passa-se tudo de maneira diversa.» Que plagiato! E vae tão longe na sua mania de querer demonstrar que não ha um unico character original na minha comedia que até descobre ter eu feito de uma mulher, duas mulheres! Já é teima. Pois é possivel que duas mulheres que se não parecem uma com a outra, que são dois caracteres distinctos, duas organizações diversas, sejam remodeladas de uma terceira, a não ser que esta tenha duas feições pronunciadas o que não acontece na esmerada producção de Scribe. Do modo como o sr. Andrade Ferreira estabelece o parallelo entre a *Calumnia* e os *Diffamadores*, vou eu provar que não ha obra alguma de arte original. Creia o sr. Andrade Ferreira que os typos do meu drama os *Diffamadores*, foram copiados, mas foram copiados dos originaes que me rodeiam. O meu maior trabalho foi occultar-lhes algumas feições para que os não apontassem a dedo. Ainda assim houve quem encontrasse retratos. Os *Diffamadores*, não são uma fantasia; são um pequeno quadro da nossa historia contemporanea. Aquelles homens e aquellas mulheres vivem entre nós; aquellas peripecias são factos. Ali não ha invenção, ha verdade. Era-me facil mostrar-lhe que taes acontecimentos se realisaram, que taes individuos existem; mas não posso, nem devo fazel-o. O que eu fiz agora, é o que eu tenho feito sempre. A escola que sigo, é a escola

realista. Observar e copiar é a sua missão. Cumpro-a o melhor que posso e o melhor que sei. Gritam alguns que é de pouca ou nenhuma valia tal escola. Será, mas o que é verdade é que, embora ainda não existisse a palavra *realismo*, o primeiro escriptor realista foi Molière. Que fez elle no seu theatro senão retratar a sua epocha? Tal modelo e tal exemplo fallam mais alto do que taes criticos.

Plagiario! não ha escriptor que não tenha sido mimoseado com esta palavra, nem critico que deixasse de a adoptar, como ultimo recurso. É uma accusação que tem sido feita a todos os homens de letras. Não seria difficil provar que nenhum ainda lhe escapou. Tanto é assim que Alexandre Dumas que é, a meu ver, a imaginação mais fertil, mais engenhosa, mais fecunda e mais rica da França, e talvez do seculo actual, é tambem o homem que mais vezes tem sido accusado de plagiario! A proposito de plagiatos vem a pélo citar aqui um trecho de um livro de Augusto Vacquerie, intitulado *Profils et Grimaces*. Diz elle:

«Se eu fôra casado e minha mulher estivesse gravida, a minha alegria não consistia de certo na esperanza de ter um filho com duas cabeças.

«Se meu filho tivesse uma bocca, dois olhos e duas pernas, por isso não deixaria de me considerar pai. Confesso esta infermidade do meu espirito aos criticos para quem um drama não existe se encontram n'elle os membros dos dramas anteriores.

«Mais uma vez o crime! mais uma vez a maternidade! mais um assassinio! mais uma cortezan! E condemnam a peça. É como, a não ser um monstro, é impossivel que uma criança ou uma peça nada tenha de commum com as outras peças ou com as outras crianças, declaram o presente e o futuro plagiarios, e prohibem-lhes que continuem a fazer dramas,—não ousam ainda accrescentar: nem filhos. Não sentem bastante desprezo pela horrivel vulgaridade d'essas peças que julgam ter uma phisionomia propria sem ao menos possuirem uma cauda em vez de nariz um ramo em vez de orelha.

«Logo, o seculo dezenove, chega tarde. Os grandes poetas são cavallos de corridas, o premio pertence ao que chegou primeiro. Eschylo não existe pelo seu genio, mas pela sua data. A gloria é o direito de primogenitura.

«Um facto que destroe estas bellas affirmativas, é que, até ao seculo dezenove exactamente, os poetas que encetaram os theatros, só trataram de assumptos conhecidos. O creador da comedia em França não fez mais cerimonia em—prendre son bien—a Plauto ea diversos, de que o creador do drama em Inglaterra em aproveitar dos novelistas a acção de *Hamlet*, de *Roméo e Julietta* e do *Othello*. Eschylo, Sophocles e Euripedes dramatisaram os tres os mesmos acontecimentos,

extrahidos das legendas nacionaes. E é unicamente no nosso tempo que os poetas dramaticos principiaram a só querer acções virgens.

«De modo que seriam precisamente os poetas primitivos os plagiarios.»

A originalidade é a fórma, disse Almeida Garrett. A auctoridade é competentissima. É pois debaixo d'este ponto de vista que todas as obras de arte devem ser analysadas e julgadas. *Manon Lescaut*, *Marrion de Lorme* e a *Dama das Camélias*, baseam-se todas tres no mesmo assumpto, a mesma paixão domina as tres mulheres, o mesmo stigma as fere, o mesmo amor as purifica. E deixam por isso de ser tres dramas originaes? Quem argumentar como o sr. Andrade Ferreira deve considerar plagiatos os dois ultimos. E logo que o meu drama os *Diffamadores*, passe da scena para o livro, o que não tardará, o publico, e os leitores verão, confrontando-o acto por acto, scena por scena, situação por situação, typo a typo com a *Calumnia*, que eu fui plagiario mui inferior a Victor Hugo e a Alexandre Dumas filho. Reservo tambem para então responder detidamente á palavrosa e balofa analyse do sr. Andrade Ferreira, e á critica em geral, o que só fiz agora, ao correr da penna, por falta de espaço. Mas ha ainda dois pontos em que eu desejo tocar. Assim m'o ordena a gratidão e a dignidade.

O folhetim do sr. Theophilo Braga, foi, segundo parece, quem mais exaltou a bilis critica do sr. Andrade Ferreira. Tres nomes distinctos e legitimamente festejados nas letras, haviam já apreciado favoravelmente a comedia. O primeiro foi o sr. Olympio de Freitas, esperançoso talento que se estreiou brilhantemente na *Gazeta de Portugal*, onde todas ás semanas justifica a sua valia. É insuspeita semelhante apreciação porque nunca tive o prazer de apertar a mão ao seu auctor, nem pessoalmente o conheço. Folgo até que o sr. Andrade Ferreira, me proporcionasse este ensejo de lhe agradecer tão espontaneo e tão apreciavel juizo. Depois Julio Cesar Machado, o espirituoso e ameno folhetinista da *Revolução de Setembro* tambem acolheu lisongeiramente a minha producção, applaudindo-lhe o pensamento. E finalmente Pinheiro Chagas, o primeiro critico litterario que hoje temos na imprensa, o digno herdeiro do auctor das *Memorias da litteratura contemporanea*, a quem elle n'este numero da *Revista Contemporanea*, presta devido culto em sentidas e bellas paginas, Pinheiro Chagas, foi apologista da comedia *Os Diffamadores*. Julgou-a até isempta de erros que havia notado nos *Homens ricos* e na *Pobreza doirada*. A prova é que diz: «a comedia fundiu-se de um jacto, a estatua appareceu harmoniosa diante dos olhos da platea.» E accrescenta: «parece-me, repito, a mais aprimorada, a mais bem feita de todas quanto o sr. Biester tem escri-

pto, e o publico applaudido.» Vê-se, portanto, que a opinião do sr. Theophilo Braga é a mesma do sr. Pinheiro Chagas. Porque será então que ao sr. Andrade Ferreira tamanha impressão lhe causou esta opinião manifestada por um, e tão indifferente lhe foi manifestada pelo outro? É um enigma, mas enigma que não vale a pena decifrar-se. O que é verdade, e o que me basta saber, é que festejaram a minha obra Pinheiro Chagas, Julio Cesar Machado, Theophilo Braga e Olympio de Freitas e que só a deprimiu o sr. Andrade Ferreira e mais dois critiqueiros, seus admiradores,—o que lhe não invejo—e meus inimigos—o que me gloria. Agradecendo, pois, aos quatro escriptores, agradecerei tambem a imprensa em geral, que foi igualmente benevola com a minha peça.

E o meu reconhecimento não pára aqui. Ao publico, a esse publico que o sr. Andrade Ferreira, accusa de rude e ignorante porque palmeia os meus dramas, devo eu muito, devo eu tudo. É a voz do publico que me tem bradado sempre «á vante.» É o publico que me tem estimulado a proseguir na espinhosa carreira que encetei. É o publico que me tem continuamente auxiliado e protegido. E é o publico que, incontestavelmente, lavra o principal diploma aos auctores dramaticos. Victor Hugo no prologo de uma das suas mais notaveis obras diz: «*le théâtre c'est la foule et sans foule il n'y a pas de théâtre.*» Impressionar e commover a multidão é ao que deve aspirar o dramaturgo. O baptismo d'este são as palmas da platea. A critica pôde aquilatar-lhe depois a valia como escriptor, nada mais.

Agora passarei á questão de dignidade, repellindo a idéa de especulação que me attribue o sr. Andrade Ferreira, na dedicatória do meu drama *Fortuna e Trabalho*, á classe typographica. Em que se firma para o dizer? Até hoje nunca a minha penna soube, nem espero que saberá nunca, o que é especular. Não ha um unico factio na minha vida litteraria, que auctorisae a suppôl-o, senão aponte-o. Actos semelhantes só podem attribuir-se a esses aventureiros do journalismo que alugam a penna a tanto por mez para defender este ou aquelle partido, esta ou aquella situação politica. Boa ou má nunca tive senão uma inspiração—a minha. Depois, o drama por mim dedicado á classe typographica, era o meu decimo oitavo drama original. Se fôra uma estreia, ou se fôra mesmo no principio da minha carreira, ainda se justificaria tal suspeita. E advirta-se que até ali, nunca havia dedicado obra minha a classe alguma, e que muitas d'essas obras haviam sido calorosamente applaudidas. Tambem o sr. Thomaz Ribeiro, offereceu logo em seguida o seu poema *Novas conquistas*, ao Centro promotor? Seria outra especulação do festejado poeta? Ha coisas que só lembram a quem é capaz de as praticar. A minha dedicatória da *Fortuna e Trabalho*, á classe typographica, foi uma

homenagem sincera e merecida. Considerou-a assim, estou certo, aquella distincta e nobre classe. Foi grande recompensa para tão pequena dadiwa, é verdade; mas tambem na minha alma ficou lançada uma divida eterna. Distincções algumas valem, nem hão de nunca valer tanto para mim como as que mereci dos typographos de Lisboa e Porto. São a minha maior gloria e o meu unico braço.

Terminarei dizendo ao sr. Andrade Ferreira, que tão desaffeioado se mostra aos francezismos e aos plagiatos que não é só nas suas estantes que se encontram as criticas de Gustave Planche, Villemain, Sainte-Beuve, Pontmartin, Texier, a Cuvillier-Fleury, e que ha quem as leia embora as não traduza.

Basta. Agora só no prologo do drama *Os diffamadores*, renovarei esta discussão, ainda que seja noyamente provocado. Careço de aproveitar melhor o tempo. Em vez de discutir, prefiro trabalhar. O trabalho ha de ser sempre o meu principal argumento. O trabalho ha de ser a minha justificação. O trabalho ha de ser a arma com que hei de flagellar mais os meus detractores.

Prolonguei insensivelmente esta replica mais do que tencionava, e apenas me resta espaço para annunciar a publicação das seguintes obras: *Horas de paz* e o *Esqueleto*, por Camillo Castello Branco; a *Ultima dona de S. Nicolau*, por Arnaldo Gama, e a *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro*, por J. M. Pereira da Silva. No proximo numero esboçarei as impressões que me ficaram da leitura d'estes livros.

ERNESTO BIESTER.